



# **HISTÓRIA, MEMÓRIA E “PEDAÇOS PATRIMONIAIS” DA SÃO BORJA MISSIONEIRA**

Rodrigo Ferreira Maurer  
Ronaldo Bernardino Colvero





## **CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES - CEEINTER**

CNPJ: 30.704.187/0001-75

[www.ceeinter.com.br](http://www.ceeinter.com.br)

Editor-chefe: Ewerton da Silva Ferreira  
Revisão Técnica: Eduardo Lima e Ricardo Macuglia Colvero

### **Conselho Editorial**

Dra. Lisiane Sabedra Ceolin - Brasil  
Dra. Jaqueline Quadrado Carvalho - Brasil  
Dra. Jenny González Muñoz - Venezuela  
Dra. Silvina Ines Merenson - Argentina  
Dr. Emiliano Carretero Morales - Espanha  
Dr. Alberto Elisvatsku - Argentina  
Dr. Pablo Luiz Martins - Brasil  
Dra. Dália Maria de Sousa Gonçalves da Costa - Portugal  
Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos - Brasil

Diagramação: Felipe Ziembowicz Schreiner  
Capa: Arquivo Clovis Benevenuto  
Revisão de texto: Melissa da Rosa Ribeiro e Júlia Corrêa.

Maurer, Rodrigo Ferreira.

Colvero, Ronaldo Bernardino.

História, Memória e "Pedaços Patrimoniais" da São Borja Missioneira / Rodrigo Ferreira Maurer e Ronaldo Bernardino Colvero. – Florianópolis, SC: Editora Ceeinter, 2024.

ISBN 9786586114195

1. São Borja (RS) - História. 2. Patrimônio cultural - São Borja (RS). 3. Memória social - São Borja (RS). 4. Identidade cultural - São Borja (RS). 5. Missões Jesuíticas - Brasil.

CDD: 981.65 (Classificação Decimal de Dewey)

CDU: 94(815.3) (Classificação Decimal Universal)

### **Índices para Catálogo Sistemático:**

CDD: 981.65

Kethlern Barroso Martins – Bibliotecária – CRB 11/760

## **SOBRE OS AUTORES**



**Ronaldo Bernardino Colvero** - Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2003). Graduado em Estudos Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente é professor associado na Universidade Federal do Pampa, atuando no curso de Ciências Sociais - Ciência Política, Licenciatura em Ciências Humanas e Direito e docente permanente nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu de Políticas Políticas da Universidade Federal do Pampa e Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas. Editor-chefe da MISSÕES: Revista de Ciências Humanas e Sociais. Desde 2003 vem participando, elaborando e orientando projetos de pesquisa nas áreas de História, Relações Internacionais, Ciências Sociais, Ciência Política, Educação, Memória, Patrimônio e Políticas Públicas.



**Rodrigo Ferreira Maurer** - Historiador. Doutor em História (UFSM). Professor Substituto nos cursos de Ciências Humanas e Direito (Unipampa). CCT/03 na 35 Coordenação Regional da Educação, responsável pela pasta de educação antirracista. Atuou como Professor Formador I do curso de licenciatura

em História da Universidade Aberta do Brasil (UAB/EAD) - Unipampa. Foi colaborador do IAPH (Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico - Sevilla/Espanha) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) em duas ocasiões (2006 e 2010). Organizou a obra: “Missões em Mosaico. Cooperou em trabalhos técnicos à nível internacional como o “Projeto Circuito Internacional de las Misiones Jesuítico-Guaranis” (2011). Tem experiência na área de História com ênfase em História da América, investigando as seguintes temáticas: litígios entre reduções indígenas do Rio da Prata; etnohistória; estratégias e discursos jesuíticos (séc. XVII e XVIII); experiências de longa duração; história colonial; integração regional e dinâmica transatlântica de poder (séc. XVII, XVIII e XIX).

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> - O patrimônio móvel missioneiro: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados.	<b>07</b>
<b>Capítulo 1</b> - De Joseph Brazanelli ao confeccionar anônimo: a interpretação artística da redução de San Francisco de Borja	<b>14</b>
<b>Capítulo 2</b> - Entre registros: a mobilidade em torno dos retábulos missioneiros	<b>18</b>
<b>Capítulo 3</b> - Do inventariar no tempo histórico: algumas distorções ao uso moderno	<b>38</b>
<b>Acervos e arquivos consultados</b>	<b>65</b>
<b>Referências</b>	<b>66</b>
<b>Das imagens, das memórias, dos documentos</b>	<b>70</b>

# APRESENTAÇÃO

## O PATRIMÔNIO MÓVEL MISSIONEIRO: ACERVOS DOCUMENTAIS, TÉCNICAS DE PESQUISA E OUTROS APRENDIZADOS

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes, e savoir-faire dos seres humanos. Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiqüidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e a uma mentalidade<sup>1</sup>.

Já não é de hoje que investigadores do mundo inteiro reconhecem o labor artístico que resultou da conexão estabelecida entre os jesuítas e as comunidades originárias do Paraguai colonial. De uma relação um tanto singular surgiu o estilo de arte que chamamos barroco<sup>2</sup>. Por vezes, surpreendemo-nos com o arrojo desferido por tais

1 CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, p. 11.

2 O estilo barroco deriva de um momento histórico transitório do qual o homem moderno (europeu renascentista) pensou a arte como algo que lhe permitia transcender ao divino prospecto. Resulta de um período do qual as conjugações escolásticas se manifestavam cotidianamente no relacionamento entre os pares. Por situações vinculadas ao renascentismo que o “barroco” comporta uma variedade de entendimentos. Vide, os casos de: WEISBACH, Werner. El barroco, arte dela Contrarreforma. Madrid, Espasa – Calpe, 1948. ÁVILA, Affonso. O lúdico e as projeções do mundo barroco. São Paulo: Perspectiva, 1971. MARAVAL, José Antonio. La cultura del Barroco. Barcelona: Ariel, 1975. PLÁ, Josefina. El barroco hispano guarani. Editorial del Centenario S.R.L. Asunción, 1975. NUNES, Benedito. O universo filosófico e ideológico do barroco. In: Barroco 12, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1982/3. DÍAZ-PLAJÁ, Guillermo. El espíritu del Barroco. Barcelona: Apolo, 1983. W Barcelona: Apolo, Renacimiento y Barroco. Barcelona: Paidrc, 1986. \_\_\_\_\_. Renascença e Barroco: estudo sobre a essência do estilo barroco e sua origem na Itália. São Paulo: Perspectiva, 1989. THEODORO,

patrimônios. E, não por acaso é muito comum admiti-las como peças únicas, haja vista a particularidade que compõe o efeito artístico. Situações desta natureza não se fazem diferentes se reduzidas à pacata municipalidade de São Borja<sup>3</sup>.

### Mapa 01: A Província Jesuítica do Paraguai



Fonte: PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil - Argentina. *Eure*, v. 40, n. 120, 2014, p. 136.

Janice. *América Barroca: temas e variações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira – EDUSP, 1992.

<sup>3</sup> Atualmente, São Borja é uma municipalidade que está compreendida na região da Fronteira-Oeste do estado do Rio Grande do Sul. Nos marcos geopolíticos modernos é uma localidade que faz divisa com Santo Thomé, província de Corrientes. Os últimos índices do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), atestam que a população está em torno de 62.000 habitantes. Os índices atestam uma relação de dependência para com o agronegócio e colheita de plantio. No âmbito turístico-formal é uma das poucas localidades do estado a comportar o reconhecimento estadual de “Cidade Histórica” (vide: decreto estadual de 1994). No que tange o aproveitamento dessas informações acompanhar as seguintes produções: PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil Argentina. *Eure*, v. 40, n. 120, maio, 2014. PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo; RETAMOSO, Alex Sander. Comunidades tradicionais, marcadores territoriais e identidades sociais: um novo pensar do desenvolvimento territorial transfronteiriço entre antigas reduções missionárias. *Perspectiva Geográfica*. Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v. 11, p. 105-116, jul./dez., 2016.

## APRESENTAÇÃO

**O patrimônio móvel missionário: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados**



Longe de um estudo sobre a história reducional da localidade, embora sempre pertinente<sup>4</sup>, o conteúdo por ora debatido perfaz um corpus teórico voltado à educação histórico-patrimonial. Procura-se, em particular, situar a arte sacra missioneira da localidade e a dispersão nela contida. O desafio, portanto, está em delimitar um histórico da mobilidade das relíquias religiosas e compreender por contínuo a descaracterização original do acervo.

Parte substancial da obra está composta por documentos inéditos que retratam eventos correlatos de descaso um tanto quanto assentes – sejam entendidos no passado bem como na atualidade. As análises, no que tange à elaboração metodológica, foram pensadas e organizadas de modo a não valorizar uma discussão em contraponto a outra qualquer. Por isso, as questões sugeridas aproveitam de fontes primárias que precisaram ser conhecidas em reservas de quatro arquivos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (I.H.G.B.), o Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (A.H.R.G.S.), o Arquivo da Comunicação Hipólito José da Costa (A.C.H.J.C.) e o Arquivo Histórico Municipal de São Borja (A.H.M.S.B.).

Optamos por fazer breves análises sobre o conteúdo analisado, de forma a garantir os méritos da observação aos documentos originais. Por todo o momento, a procedência daqueles que serão referidos em nota de rodapé, e seus fatos, serão devidamente comentados em pequenos trechos sem prejudicar o seu valor informativo. Mantivemos, ainda, os prenomes de tratamento e títulos políticos, a fim de valori-

4 Como material de suporte na falta de uma avaliação mais detida com relação à redução em si, ver mais em: MAURER, Rodrigo. Das necessidades as intrigas: o caso de San Borja frente os processos políticos sociais dos anos de 1750 a 1759. In: X Encontro Estadual de História – Anpuh – RS. Santa Maria, 2010. \_\_\_\_\_. Dissimulação ou circunstância dos fatos? A exposição de San Borja no espaço missioneiro. In: XIII Missões Jesuíticas – Jornadas Internacionais. Dourados, 2010. \_\_\_\_\_. Do um que não é sete: o caso de San Francisco de Borja e a dinâmica da diferença. Passo Fundo, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UPF - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

## APRESENTAÇÃO

**O patrimônio móvel missioneiro: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados**

zar a ortografia e a escrita literária de época. A construção gramatical, pontuação original e o vocabulário se mantiveram tal como a “pena os deixou”. Esse cuidado acompanha todo trabalho em referência aos termos utilizados, bem como aos empregos que eram comuns para satisfazer algumas situações, personalidades, lugares ou outros efeitos de caráter histórico.

É possível haver discordâncias em relação à forma como exploramos a dispersão das peças. Em todo caso, não tentamos, aqui, empregar um consenso teórico sobre a problemática de fundo, nem sequer prever por intermédio deste livro de bolso a formulação de um inventário patrimonial. Ressalta-se, entretanto, um procedimento balizador importante a considerar: a pesquisa valoriza uma linha de entendimento mais consciente que possa propor alternativas para o problema fim. Isto é: a preservação e o reconhecimento histórico dos bens móveis da localidade.

Alguns eventos, dada a sua proximidade no tempo histórico, sequer tiveram um tratamento mais aprofundado por parte dos especialistas. Isto nos conduziu, eventualmente, a consultar outras fontes que não só os documentos, como jornais e fotografias. Por uso dessas ferramentas é possível aventar algumas características gerais da transformação histórica pela qual passou o acervo barroco da localidade. A propósito, expressões como mobilidade e descaracterização serão recorrentes nas nossas manifestações, haja vista que tentaremos demonstrar que existe uma distorção recorrente de antever no hábito de preservação um repositório de memórias – onde se preserva aquilo que interessa ser lembrado e descarta-se o que não ocupa mais destaque no imaginário coletivo.

Pensando nisto e já sumarizando o uso de alguns tópicos a se-

## **APRESENTAÇÃO**

**O patrimônio móvel missioneiro: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados**

rem abordados ao longo da leitura, a investigação edita uma proposta de fácil entendimento, sem a necessidade de fazer qualquer relação sobre o estilo artístico que ampara a temática – o barroco missioneiro<sup>5</sup>. Adotando uma linha convergente ao que é de costume, a pesquisa foi formulada a preencher três problemas básicos. Por ordem, tratar-se-iam: bens móveis, memória e preservação. E, de modo a corresponder da melhor forma possível os tópicos por ora advertidos, o livro está dividido em três breves capítulos.

No primeiro capítulo, estão contidas informações referentes aos idos reducionais de São Borja, em especial a participação de um agente histórico classificado pelos investigadores como o grande artífice artístico que a região comportou: trata-se de Joseph Brazanelli. Em verdade, fizemos uso das poucas informações que se têm conhecimento sobre o mesmo para transmitir o legado que ainda se assiste na localidade, através de alguns afrescos que supostamente seriam de sua autoria.

O segundo capítulo comporta uma análise in loco sobre o acervo patrimonial local que vai se deformando aos idos do século XIX, mas passíveis de reconhecimento quando à luz dos documentos e apontamentos do então vigário da vila, João Pedro Gay<sup>6</sup>. Suas interpretações,

---

5 O conceito de barroco missioneiro é muito relativo e depende muito do entendimento que o investigador faz do evento. Vejamos alguns casos. No entendimento de Josefina Plá, o labor artístico realizado em solos americanos se assimilaria ao que compunha a sociedade medieval europeia, “donde la personalidad del artesano se esfuma y carece de significación en presencia de la obra misma y su objetivo, la exaltación religiosa”. PLÁ, Josefina. El barroco hispano guaraní. Asunción: Editorial del Centenario S.R.L., 1975, p. 62. Fato que passou despercebido por Armindo Trevisan, preferindo descrever o método barroco como aquele que comportava “uma carga apreciável de romantismo, gotismo e maneirismo”. TREVISAN, Armindo. A escultura dos Sete Povos. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978, p. 66. Ver também: AFFANI, Flavia. La imaginería de las Misiones Jesuíticas de Guaraníes. Aspectos iconográficos distintivos, análisis estadísticos y comparación con la imaginería andina. Historia inacabada. Futuro Incierto. VIII Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas. Encarnación: Universidad Católica de Itapúa, Instituto Superior de Estudios Humanísticos y Filosóficos, Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 2000, p. 327-355.

6 João Pedro Gay, conforme análises de Abellardo Barreto (1973, p. 574-579), nasceu em

## APRESENTAÇÃO

**O patrimônio móvel missioneiro: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados**

salvo alguns descomedimentos pessoais, mantinham ao contorno da notícia uma determinação temporal sobre o patrimônio móvel. Doravante, suas explicações não chegam a compor uma distância equivalente dos objetos que pode apreciar e descrever com minúcias um tanto quanto telúricas. Tal detalhe, a nosso ver, estabelece uma zona de pertencimento daquele personagem sobre algo que já parecia conter um declínio regular, ou uma decadência recorrente ao imaginário dos seus pares paroquianos.

Por fim, o terceiro capítulo arrima uma avaliação sobre os raros registros inventariais e a transformação do acervo, seja no sentido de perda das peças, seja no sentido de recuperação de outras. Práticas que voltam a se repetir de modo recorrente nos dias imediatistas. Por tais circunstâncias, a ideia central deste pequeno livro é aparentemente simples.

No sentido prático educacional, o resultado é parte de um ensino em vias de formulação, compenetrado, sobretudo, nas questões suscetíveis que suplantam binômios de aprendizagem, dentre os quais, “preservar para educar” e “destruir para não lembrar”. Trata-se, por-

---

Château-Roux (Altos Alpes, França), a 20 de novembro de 1815. Tudo indica que tenha sido influenciado por seu tio, o Padre Luís Gay, a seguir os ofícios religiosos. Em 1842, via diocese de Gap, obteve licença para se colocar a caminho da América. Teve uma passagem de 3 anos em Cerrito de Montevideo. Em princípios de 1843, viaja para o Rio de Janeiro e de lá seguiu para a Comarca de Laguna – Santa Catarina. Em 1847 foi nomeado vigário para a comarca de Alegrete e aí permaneceu até idos de 1848, quando decidiu realizar um novo concurso, em 1849. Em 24 de Fevereiro de 1850, assume seu concurso em São Borja, onde permanece por 24 anos. Deste tempo idealizou consideráveis realizações, chegando inclusive a fundar a maçonaria. Teve como amigo pessoal o botânico francês Aimé Bompland. Quis o destino que viesse a falecer em Uruguaiana, a 10 de maio de 1891, em decorrência dos ferimentos que teria acumulado ao ser atropelado por um carro (cavalo) em disparada. Fez mais de duzentos sermões. Foi correspondente do IHGB, elaborou consideráveis estudos sobre a região missioneira e foi prova ocular da invasão paraguaia em solo brasileiro. Ainda sobre a trajetória do religioso, caberia recorrer a: BARRETO, Abeillard. Bibliografia sul-riograndense. A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul. Vol. I A-J. Conselho Federal de Cultura. Rio de Janeiro, 1973. GUIMARÃES, Arceu. Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro. De diplomacia política externa e direito internacional. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1938 (referência de Gay, p. 196). BARRETO, Mário. Campanha Lopezguaya. Vol. 3. Papelaria Brazil: Rio de Janeiro, 1929. (referência e foto de Gay, p. 22).

## APRESENTAÇÃO

**O patrimônio móvel missioneiro: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados**

tanto, de uma avaliação histórica sobre objetos que supostamente comportaram alguma importância num passado não tão distante. E, a contar daí, o que temos em mãos é uma tentativa de prever por intermédio de erros cometidos no passado uma “educação dedutiva” da qual possibilite entrever a preservação do pouco que ainda resta do patrimônio sacro missioneiro de São Borja. Fatos que já demonstram consideráveis acréscimos quando abordados em sala de aula<sup>7</sup>.

**Ronaldo Bernardino Colvero**

**Rodrigo Ferreira Maurer**

---

<sup>7</sup> QUEVEDO, Júlio; RODRIGUES, Márcia C. O “descaso” com o patrimônio histórico são-borjense: educação patrimonial em sala de aula. Revista Latino-Americana de História - Edição especial, v. 2, n. 6, p. 261-273, ago. 2013. PINTO, Muriel; SILVA, Jardel Vitor. (Orgs.). História, memória e as paisagens culturais da cidade histórica de São Borja. 2 ed. Herval d’Oeste: Polícentro, 2015.

## **APRESENTAÇÃO**

**O patrimônio móvel missioneiro: acervos documentais, técnicas de pesquisa e outros aprendizados**

# CAPÍTULO 1

## DE JOSEPH BRAZANELLI AO CONFECCIONAR ANÔNIMO: A INTERPRETAÇÃO ARTÍSTICA DA REDUÇÃO DE SAN FRANCISCO DE BORJA

Trata-se de um valioso lote de obras de arte que, por sua significação histórica e artística, sem a mínima dúvida merece e deve integrar o acervo do Museu Municipal. [...] O que importa, em verdade, é a possibilidade da aquisição desse lote, integrá-lo inalienavelmente ao acervo do Município e fixá-lo aqui neste torrão de forma definitiva e irreversível<sup>1</sup>.

Coube ao arquiteto Lúcio Costa (1941) os méritos por ter sido o primeiro investigador brasileiro a perceber na “arte jesuítica” um conjunto de estilos e expressões que fugiam à regra do barroco. Daquela tentativa pioneira chegou-se ao conhecimento que o acervo por ele catalogado continha traços de um renascimento retardatário, impregnado ainda de gosto gótico e até mesmo romântico.

Os estudos mais recentes deixam entender que o resultado alegórico desenvolvido junto daquelas comunidades setecentistas simboliza um aprimoramento exótico que se aplica ao conceito de arte missioneira (palavras nossas), haja vista que foi um aprofundamento rústico em torno de uma variedade de sentidos, ora mestiços, ora artísticos, forjando-se continuamente através de uma recreação cotidiana. E a contar daí, podemos ficar cientes de que o labor artístico significou um livre arbítrio por técnicas e aprimoramentos não condizentes a uma linha de requinte específica, mas, ao contrário, se ajustavam também a uma orientação de momento.

---

1 KREBS, Carlos Galvão. Parecer sobre as imagens [São Borja]. 14 de setembro de 1973.

Somado a esses fatores, muitos são os estudiosos que concordam que a redução de San Francisco Borja foi um dos povoados que melhor soube aproveitar e desenvolver uma produção artística<sup>2</sup>. Em tese, essa característica se resume em a.b e d.b (antes de Brazanelli e depois de Brazanelli). Em verdade, trata-se de Joseph Brazanelli, Italiano, nascido em Milão, em 1659. Sua trajetória com relação à localidade começa aos seus trinta e dois anos. Enquanto jesuíta foi contemporâneo de uma célebre geração que se especializou em demonstrar suas técnicas geométricas. Fez parte da mesma embarcação da qual aportaram, em Buenos Aires, Anton Sepp (natural de Tirol, 1655, falecido no povo de São João Bautista em 1733), Anselmo de la Matta, (espanhol, natural de Sevilha, 1658, faleceu no Povo de Candelária no ano de 1732), Primolli, o arquiteto principal da matriz de São Miguel das Missões, (hoje patrimônio da UNESCO), entre outros que entendiam no aprofundar artístico uma distração a ser investida nas longínquas paragens do Atlântico meridional.

Brazanelli, a exemplo de outros religiosos, tivera suas iniciações de arte e escultura em catedrais com longa tradição. E esse ensinamento lhe permitiu carregar anos mais tarde a memória por ter sido

---

2 Para saber mais, consultar: PLÁ, Josefina. El barroco hispano guaraní. Editorial del Centenario S.R.L. Asuncion, 1975. RIBERA, Adolfo Luis. Las artes en las misiones guaraní. RIBE de la Compañía de Jesús. Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana, Adolfo Ravignani". Buenos Aires. Museo de Arte Hispanoamericano Isaac Fernández Blanco, 1985. BAYÓN, Damián; MURILLO, Marx. Historia del Arte colonial Sudamericano. Barcelona: Ediciones Polígrafa, 1989. GARCÍA SAÍZ, María Concepción. Un camino hacia la Arcadia: arte en las misiones jesuíticas de Paraguay. Secretaría de Estado de Cooperación Iberoamericana: AECI, Ministerio Español de Asuntos Exteriores, 1995. SUSTERSIC, Darko Bozidar. Imaginería y patrimonio mueble. In: ICOMOS-UNESCO. Las Misiones Jesuíticas del Guayrá. Verona-Buenos Aires: Manrique Zago Ediciones, 1993. \_\_\_\_\_. "La escultura en el Río de la Plata durante el período colonial". In: GUTIÉRREZ, Ramón (Coord.). Pintura, escultura y artes útiles en Iberoamérica, 1500-1825. Madrid: Cátedra, 1995. \_\_\_\_\_. Arte Jesuítico-Guaraní y sus estilos. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Teoría e Historia del Arte "Julio E. Payró". Serie Monográfica, n. 9, 2010. GUTIÉRREZ, Ramón. Historiografía Iberoamericana de arte y arquitectura. Siglos XVI al XVIII. Buenos Aires: CEDODAL, 2005. BOLLINI, Horacio Marcos. Imágenes y símbolos del mundo Jesuítico-Guaraní. Corrientes: Moglia Ediciones, 2006.

## CAPÍTULO 1

### De Joseph Brazanelli ao confeccionar anônimo: a interpretação artística da redução de San Francisco de Borja

um jesuíta polivalente<sup>3</sup>. Com relação às elaborações enquanto artífice, pode-se dizer que carregava consigo um conhecimento e um legado artístico daquele que foi considerado pelo Papa o escultor principal da lendária Roma: Gian Lorenzo Bernini<sup>4</sup>. Isso não significa, naturalmente, que estejamos, por esse pequeno detalhe histórico, projetando alguma comparação arquitetônica ou artística entre a redução de São Borja para com Roma. Todavia, é evidente que a passagem de Brazanelli longe esteve de uma causalidade nas paragens do pampa.

Nos dias setecentistas, a sua presença representou aos tratos da comunidade borjista uma mudança de hábito para com o labor artístico. Paira a suspeita que a sua despedida do solo em destaque significou um retrocesso de hábito do povoado. Isto pois é muito comum perceber, em um ou outro documento, que a comunidade reducional foi envolvida regressivamente a substituir a arte em detrimientos belicosos ou outras circunstâncias de igual monta que os mantivessem defendidos na localidade de fronteira. Mas atentemos-nos apenas naquilo que interessa ser explorado por ora: o “legado Brazanelliano”. Eis uma breve e curta demonstração por parte de Anton Sepp de uma técnica desenvolvida pelo mesmo na redução de São Francisco de Borja: a

3 No entendimento de Josefina Pla, Brazanelli pode ter confeccionado aproximadamente 400 imagens, contudo, apenas 40 atestariam a sua autoria. Vide: PLA, Josefina. El barroco hispano guarani. Editorial del Centenario S.R.L. Asuncion, 1975. Conferir ainda, a título de conhecimento, as seguintes pesquisas realizadas por Darko Bozidar Sustersic: SUSTERSIC, Darko Bozidar. José Brasanelli: escultor, pintor y arquitecto de las misiones jesuíticas guaraníes. In: Jornadas ODUICAL. Buenos Aires: Universidad del Salvador, 1993, p. 267-277. \_\_\_\_\_. El hermano José Brasanelli y las posibilidades de la reconstrucción de su trayectoria biográfica y artística. In: Anais XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, Missões: a questão indígena. Santa Rosa: UNIJUI, 1997, t. II, p. 541-555. \_\_\_\_\_. El “insigne artífice José Brasanelli”. Su participación en la conformación de un nuevo lenguaje figurativo en las misiones jesuíticas-guaraníes. In: Barroco Iberoamericano. Territorio, arte, espacio y sociedad. Sevilla: Giralda, 2001, t. I, p. 623-643.

4 Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Transformou Roma com suas igrejas, palácios, estátuas e fontes. É o artista que provavelmente deixou a marca pessoal mais enfática na aparência da cidade. E por aí se explica a preferência de três Papas sucessivos por suas obras enquanto arquiteto, escultor e urbanista. Coube a Bernini transformar Roma e a singularidade barroca que o mundo conhece.

## CAPÍTULO 1

### De Joseph Brazanelli ao confeccionar anônimo: a interpretação artística da redução de San Francisco de Borja



confeção de quadros ou “pinturas de humo”. A narrativa é enfática ao atestar a singularidade da sua genialidade:

*En el pueblo de San Francisco de Borja pintan los indios cuadros tan vistosos y magistrales que sus trabajos se apreciarían en Roma misma. Un hermano italiano experto en todas las artes, que aún está con vida, les enseña a pintar<sup>5</sup>.*

Pelo que se nota, Brazanelli não teve dificuldades em empregar um estilo próprio de formação para com os seus instruídos, e isso permite imaginar que tenha por consequência instrumentalizado o povoado com vistas a investir num aprimoramento artístico qualquer. Essa leitura, se assim for compreendida, estabelece uma nova importância ao fato, sem que a cargo disto tenhamos de consagrar a originalidade do acervo por sobre um personagem apenas. Embora, se perceba a importância contida sob a memória daquele.

Neste caso, não é de todo errado salientar que as avaliações aqui colocadas longe estão a representar a trajetória isolada de um personagem, mas antes avaliá-lo conforme atestam os escassos registros. Isto é, como parte de uma época da qual os estilos e traços se confundiam entre artífices, artistas, instrutores e obras. Noutras palavras, não é objetivo, por ora, condicionar ao dito personagem uma situação de exceção, mas sim referendar a sua passagem como ponto de partida que possivelmente resultou, mesmo temporariamente, num coletivo artístico, fazendo jus a clássica manifestação de Josefina Plá, que lembra que “el arte misionero es una arte eminentemente anónimo”<sup>6</sup>.

---

5 SEPP, Anton. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos. São Paulo: Martins, EDUSP, 1974.

6 PLÁ, Josefina. El barroco hispano guarani. Asunsion: Editorial del Centenario S.R.L., 1975, p. 61.

## CAPÍTULO 1

### De Joseph Brazanelli ao confeccionar anônimo: a interpretação artística da redução de San Francisco de Borja

# CAPÍTULO 2

## Entre registros: a mobilidade em torno dos retábulos missioneiros

*Todas las iglesias poseían altares, generalmente cuatro, además del altar mayor. Todos tallados, pintados y dorados. Las imágenes adornaban no solamente los altares y retablos, a menudo en gran número, [...] sino también las cúpulas, coros e intercolumnios<sup>1</sup>.*

Estudos bastante completos sobre a arte jesuítica-guarani e seus estilos seguem sendo realizados a exaustão, nas últimas décadas<sup>2</sup>.

1 PLÁ, Josefina. El barroco hispano guarani. Asunción: Editorial del Centenario S.R.L., 1975, p. 107.

2 Para fins de análise, consultar: BISCHIAZZO, Mario. "Las Misiones Guaraníes". Documentos de Arte Argentino. Nº XX. Estulturas, pintura, grabados y artes menores. Buenos Aires: Publicaciones de la Academia Nacional de Bellas Artes, 1946. RIBERA, Adolfo Luis; SCHENONE, Héctor H. El arte de la imaginería en el Río de la Plata. Buenos Aires: Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Universidad de Buenos Aires, 1948. SEDLMAYR, Hans. Épocas y obras artísticas. Madrid: Ediciones Rialp. T. I, 1963. SCHENONE, Héctor H. "Imaginería". In: Historia General del Arte en la Argentina. Buenos Aires: Academia Nacional de Bellas Artes, t. 1, 1982, p. 279-346. El arte de las Misiones Jesuíticas. Catálogo de Exposición. Buenos Aires: Museo de Arte Hispanoamericano Isaac Fernández Blanco, 1985. RIBERA, Adolfo Luis. Las artes en las misiones guaraníes de la Compañía de Jesús. In: El arte de las misiones jesuíticas. Buenos Aires: Museo de Arte Hispanoamericana Isaac Fernández Blanco, 1985. RIBEIRO, Darcy. "Arte India". In: RIBEIRO, Darcy (Ed.); RIBEIRO, Berta G. (Coord.). Suma etnológica Brasileira. Petrópolis, 1986. SUSTERSIC, Darko B. Componentes míticos americanos en el arte jesuítico-guaraní. Las artes en el debate del Quinto Centenario. IV Jornadas de Teoría e Historia del Arte. CAIA. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 1992, p. 225-231. AFFANI, Flavia. Reconstrucción hipotética de dos retablos misioneros como partes del escenario ideológico de la experiencia jesuítico-guaraní. Tesis de Licenciatura en Historia de las Artes, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 1993. GUTIÉRREZ, Ramón. Pintura, escultura y artes útiles en Iberoamérica 1500-1825. Madrid: Cátedra, 1995. ESCOBAR, Ticio. La belleza de los otros. Arte indígena del Paraguay. Asunción: RP ediciones, 1993. \_\_\_\_\_. "El barroco misionero: lo propio y lo ajeno". In: Un camino hacia la Arcadia. Arte de las Misiones Guaraníes de Paraguay. Asunción, 1995. SUSTERSIC, Darko B. Problemas metodológicos en el arte Jesuítico-Guaraní. In: Estudios e Investigaciones. Buenos Aires: Instituto de Teoría e Historia del Arte. Julio E. Payró, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, n. 7, 1997, p. 9-19. AFFANI, Flavia. La imaginería de las Misiones Jesuíticas de Guaraníes. Aspectos iconográficos distintos, análisis estadístico y comparación con la imaginería andina. VIII Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas. Encarnación: Universidad Católica de Itapúa, 2000, p. 327-355. GUTIÉRREZ, Ramón. Historiografía Iberoamericana, arte y arquitectura (XVI, XVIII).

Sob uma perspectiva geral, os interesses de investigação concentram-se desde sempre em desvendar as temáticas que regulavam a técnica e o sentido artístico cultural outrora mantido numa relação entre mestre e aprendiz<sup>3</sup>. Em grande medida, os argumentos sustentam um binômio regular, indo da glória (o resultado alcançado na confecção de um dado patrimônio) ao desgaste (de modo a demonstrar uma perda – assim ajustada ao contexto de identidade, ou de valor agregado aos objetos, se compreendida por um sentimento de pertença para com os mesmos). A julgar pelas abordagens, falta estabelecer uma reflexão que interligue as propostas sem descaracterizar o sentido de continuidade aos pontos por ora assimilados.

Em termos gerais, as análises que colocam em pauta os patrimônios móveis são revigoradas de modo a provocar explicações aos

---

Dos lecturas. Buenos Aires: Cedodal, 2004. SUSTERSIC, Darko Bozidar. Las imágenes conquistadoras. Un nuevo lenguaje figurativo en las misiones del Paraguay. In: Suplemento Antropológico. Asunción: Universidad Católica “Nuestra Señora de Asunción”, v. XL, n. 2, 2005, p. 151-194. BOLLINI, Horacio M. Imágenes y símbolos del mundo Jesuítico-Guaraní. Corrientes: Fundación Tierra Sin Mal, Moglia, 2006. DATSCHKE, Omar Esteban. Procesos y principios de la escultura guaraní-jesuítica. El poder de la imagen en el hombre guaraní-jesuítico. Maestría en culturas guaraní-jesuíticas. Facultad de Artes, Universidad Nacional de Misiones, 2007. BARRA, Claudia; BARRA, Rúben; CURBELO, Carmen; BRACCO, Roberto; FERRARI, Alejandro. Maderas que hablan guaraní. Presencia misionera en Uruguay. Montevideo: Fundación MAPI, 2007. SERVENTI, María Cristina. La gestación del arte jesuítico-guaraní en la etapa inicial de las reducciones de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (1610-1641). Tesis Doctoral. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2008.

3 Vide: MAEDER, Ernesto; GUTIÉRREZ, Ramón. La imaginería jesuítica en las misiones del Paraguay. Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas “Mario J. Buschiazzo”. Buenos Aires, n. 23, p. 99-114, 1970. NUNES, Benedito. O universo filosófico e ideológico do barroco. In: Barroco 12, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 1982/3. BAYÓN, Damián; MURILLO, Marx. Historia del Arte colonial Sudamericano. Barcelona: Polígrafa, 1989. THEODORO, Janice. América Barroca: temas e variações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira – EDUSP, 1992. BURUCÚA, José E. “Ángeles arcabuceros: milenio, anticristo, judíos y utopias en la cultura barroca de América del Sur”. In: Temas medievales. Buenos Aires, n. 3, 1993. GUTIÉRREZ, Ramon (Coord.). Pintura, escultura e artes útiles en Iberoamérica, 1500-1825. Madrid: Cátedra, 1995. Patrimônio Jesuítico. Primer Encuentro del Mercosur. Suma Copy, Buenos Aires, 1999. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Identidade e interculturalidade histórica e arte guarani. Santa Maria: Editora UFSM, 2004. BALDOTTO, Gianni; PAOLILLO, Antonio. El barroco en las reducciones de guaraníes. Provincia del Paraguay 1609-1768. Treviso: Gianni Baldotto, 2004. SUSTERSIC, Darko B. Arte jesuítico-guaraní y sus estilos. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras – UBA – Série Monográfica, 2010.

## CAPÍTULO 2

### Entre registros: a mobilidade em torno dos retábulos missioneiros

seus contornos, formas e usos. No que diz respeito aos relatos de Cônego Gay, tais ornamentos continham uma memória contemplativa. Para melhor demonstrar esse ponto, proponho que tomemos contato as condições oferecidas ao seu olhar nos idos de 1850; assim retratados em correspondência ao então Presidente da Província de São Pedro do Sul, o senhor José Antônio Pimenta Buenos.

Ilmo e ExmoSnr

Cumprindo com minhas obrigações parochiaes, cheguei ultimamente até o antigo povo de S. Luiz que faz parte desta freguezia o qual achei muito arruinado e tive o desgosto de ver a magestosa Igreja que alli estava levantada quazi reduzida á um montão de ruinas. As paredes estão ainda em pé, porém em tal estado de degradação, que de repente tudo ha de cahir. Entretanto encontrei ainda na dita Igreja alguns objectos que podem (ainda) ser uteis e que sem duvida não de se perder se se descuidarem de os porém promptamente a'salvo. Por isso, tenho a honra de pedir á Va. Exia que se digne concede-los á esta Matriz de S. Borja que se esta edificando e qual d'ellas ha de precisar; d'esta maneira se evitara maior despeza. Os objectos que peço á Va. Exia para a matriz de São Borja e que se achão em São Luiz são: 1º Dous retablos; 2º um lavatorio de sacristia completo; 3º Tres pias, das quaes uma de baptismo duas de agoa benta; 4º um sino dos tres que alli se achão 5º Algumas Imagens de Santos; 6º umas cadeiras de espaldar para os sacerdotes que servem ao Altar. 7º Enfim uma pedra d'aro, umas portas para a nova Matriz, algas lages e algns outros objectos que podem servir se ha possibilidade de as poder conduzir até esta villa. Tenho a doce esperança de que Va. Exia se dignará conceder à matriz de São Borja, os objectos que acima referi e que sem isso ficarão perdidos. A villa de São Borja as aproveitará e por este novo beneficio feito á Igreja que estou parochiando, Va. Exia adquirirá mais um titulo poderoso para minha gratidão<sup>4</sup>.

---

4 A.H.R.G.S. AR 12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias. Ofício realizado na Villa de S. Borja, 29 de Agosto de 1850.

Imediatamente, sobressai do conteúdo desse telegrama que a perspectiva apresentada/sugerida pelo vigário consistia em chamar a atenção para as práticas um tanto quanto costumeiras da época. Para tanto, seus interesses aos patrimônios materiais e móveis dos antigos povos missioneiros despontou em decorrência de um possível reaproveitamento dos mesmos ao ornamento da igreja de São Borja – que para a oportunidade encontrava-se em compasso de restauro<sup>5</sup>. Incan-savelmente, o francês fez consideráveis revelações ao contexto de fundo. Inclusive, outro documento permite entrever uma preocupação para com o ornamento possivelmente hábil a competir à mesma no que diz respeito a um possível aproveitamento de peças que estariam dispersas nos demais povos da margem esquerda do rio Uruguai:

Ilmo ExmoSnr

[...] Cheguei na antiga Villa de S. Luiz de Real Bragança que faz parte desta freguesia. Achei este antigo Povo o mais conservado dos da margem oriental, se exceptuar esta villa de S. Borja, muito arruinado, varias casas cahirão, muitas ameação cahir bem que estejam ainda em pé. O collegio que ainda tem algns quartos bastante conservados, não esta melhor em sua totalidadee do que os quartos da praça, aonde residião os Indios que ameaça ruinas em quasi todos os edificios. Não existem mais ahi alfaias, só hai imagens de Santos, quasi todas mutiladas. Eu tinha Comissão do Inspector da Thesouraria desta Provincia de fazer juntamente com o Colletor desta villa a avaliação dos objectos em S. Luiz exis-

---

5 O dito estágio de restauro ou edificação (outro termo muito empregado ao problema de fundo) que supostamente se encontrava a igreja de São Borja, de fato nunca aconteceu. Contudo, várias foram as tentativas de Cônego Gay e seus antecessores para que esse fato se tornasse real. O problema já havia sido alertado nos idos de 1833, pelo então padre Cariolano dos Passos. Ao momento de chegada de Gay, as ações são retomadas e nota-se uma movimentação consistente no ano de 1846 – um ano antes da sua chegada à vila de São Borja. Contudo, a sequência de fatos atribuídos ao problema ganhou novas características assim que o vigário e demais autoridades interessadas da temática descobriram um desvio supostamente praticado pelo construtor do templo, o italiano Valdir Scolla. Desde então, os fatos deixaram de conter importância para a Thesouraria da Província e, como se não bastasse, coube à Cônego Gay re-servar-se em angústias por não ver seu templo restaurado até o momento da sua despedida da villa (1874).

tentes o que acho que vale alga cousa e de que se pode tirar proveito são as talhas. Já perderão-se mais de vinte mil porém existem ainda muitos e se o Governo d'ellas não dispor brevemente todas se perderão como aconteceu nos outros povos. Isso mesmo officio ao Inspector da Thesouraria nesta data. Em quanto ao rico retablo que ahi existia, já esta arruinado e sera mui perigoso para a vida dos trabalhadores que ententassem demancha-lo. As imagens existentes bem que imperfeitas poderão term algm valor se existissem em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro, de mesmo que as columnas das varandas, porém no lugar aonde ellas se achão, não hai quem queira dar nada por ellas, e o frete para seu transporte excederia o seu valor intriseco [...]. De S. Luiz passei à S. Lourenço desta parochia tambem. Este povo esta inteiramente em ruinas, ficando só alguns quartos do Collegio em pé. Doe o coração vendo cahidas, quebradas esculturas, formosas columnas redondas etc. Continuei a minha visita até a antiga Capella de S. Francisco de Assis, e d'ahi me recolhi à esta villa em 2 do corrente.

Deus Guarde à V. Exia muitos annos.

Villa de S. Borja, à 6 de fevereiro de 1853.

Ilmo ExmoSnr Dr João Vieira Causamão de Sinimbú, digmo Presidente desta Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

O Vigario: João Pedro Gay<sup>6</sup>.

Essas e outras situações correlatas deveriam ser o ponto de partida para qualquer investigação que se contenta a explorá-las para fins de um inventário. Aliás, já não é novidade alguma advertir que a empreitada de inventariar a imaginária missioneira é, ainda hoje, “extremamente difícil pela dispersão das peças, pelo desconhecimento de sua localização e pela discrepância das informações coligidas, tanto na história oral, como na bibliografia existente<sup>7</sup>”. Mais do que isso, há uma desinformação quase regular para com aqueles objetos, pois, além dos pontos supracitados, há, também, uma incerteza naquilo que se está catalogando, haja vista que jamais saberemos se o fato que se registra hoje condiz com a potencialidade das peças que os documen-

6 A.H.R.G.S. AR.12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias.

7 VIEIRA, Mabel L.; COUTINHO, Maria I. Inventário da imaginária missioneira. Porto Alegre: Iphan e Comissão 300 anos, 1993, p. 39.

tos insistem retratar com rara originalidade. Vejamos mais um caso que provoca tal espécie:

Ilmo ExmoSnr

Recebi o officio que V. Exia foi servido dirigir-me com data de 4 de Abril ultimo, no qual V. Exia me diz que havendo a Camara Municipal da villa de Cruz-Alta por officio de 12 de Janeiro deste anno, representado à Presidencia, que nos Povos de S. João, S. Miguel, S. Lourenço e S. Luiz existem muitas santas Imagens expostas ao tempo e à irreverencia, por causa da total ruina dos Templos e casas em que forão recolhidas, ou sob a guarda de algum Indio, que nem smpre pode vedar que alguns particulares d'ellas se apoderem, como já tem acontecido, e que no Povo de S. Luiz ha tambem altares portateis qua ainda se podem aproveitar, e por isso pede a mesma Camara pemição para fazer transferir para a dita villa essas Imagens e Altares, à fim de serem ali convenientemente depositadas, cumpre que eu informe à semelhante respeito.

Sobre as santas Imagens que existem nos Povos de S. João e de S. Miguel, nada posso informar à V. Exia porque como estes dous Povos não tem feito no meu tempo e não fazem parte da parochia de S. Borja nunca os visitei.

Em quanto aos Povos de S. Lourenço e de S. Luiz, existem verdadeiramente n'elles Santas Imagens que por causa da total ruina dos Templos forão recolhidas nas melhores casas dos Povos e confiadas à guarda dos seus commandantes e mesmo de algum Indio. A este respeito, officiei à Presidencia da Provincia em 29 de Agosto de 1850, em 7 de Janeiro de 1852, e em 6 de fevereiro de 1853 dirigi a Inspector da Thesouraria da Provincia e varios à vigararia Geral e ao Bispo Diocesano. As ditas Imagens, com poucas excepções, são em triste estado e mutiladas. Recentemente S. Exia Revma me ordenou de fazer queimar aquellas que são irreverentes, más ainda não me foi possivel depois que o mau estado destas Imagens não provém de estarem actualmente expostas ao tempo e asseverar à V. Exia que os moradores e sobretudo os Indios as tratão com muita veneração. Pode V. Exia sobre parte destas Imagens ou sobre todas ellas tomar determinação que julgar conveniente, más julgo que se se

mandarem transferir todas ellas os moradores dos Povos e sonbretudo os Indios, ficarão descontentes.

Em S. Luiz realmente não existem outros Altares senão o Altar-mor ainda collocado em seu primitivo lugar. Apesar de ser arruinado estou que elle poderia ainda se aproveitar para a Matriz nova de S. Borja que esta em construção, se houvesse fundos para o fazer transferir para esta villa. Tomo a liberdade de pedir à V. Exia que se digne autorisar a Camara Municipal de S. Borja à fazer esta despeza. Na casa aonde estão depositadas as Santas Imagens e aonde nos domingos e dias de Festa se reúnem os Indios para rezarem, existe um altar lateral que pertenceo antigamente ao Templo, más creio que elle é incompleto.

**Havia um Altar portatil em S. Luiz, que em virtude das autorisações que eu tive da Presidencia em 17 de Dezembro de 1850 e de 3 de Março de 1852, mandei vir para S. Borja em Novembro de 1854. Fiz-o restaurar e collocar no Oratorio que servio de Imperio para a Festa do Espirito Santo e ahi elle se acha, conservando-se decentemente e com esmero debaixo de minhas vistas, até que elle possa se transferir para a nova Matriz. (Grifo nosso)**

Posto que em o officio à que tenho a honra de responder a V. Exia não me diga nada sobre as Imagens do Povo de S. Nicolau, não dusarei por isso de participar à V. Exia que no dito Povo existe tambem uma porção de Santas Imagens, depositadas em uma casa nova que ahi mandou levantar o Snr Marcehal Andréa quando presidia esta Provincia.

Como noticia à V. Exia em 6 de fevereiro de 1853 ainda poderia se tirar algum proveito das telhas do povo de S. Luiz. Todos os dias ellas estão se perdendo com o desmonramento de uma parte das casas. Em S. Lourenço poucas telhas ficão.

V. Exia determinará sobre tudo em sua alta sabedoria<sup>8</sup>.

A partir desta documentação, é possível constatar que o religioso conseguiu transportar um altar portátil. Entretanto, nada indica se essa

---

8 A.H.R.G.S. AR 12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias. Correspondência realizada na Villa de S. Bojra em 19 de Maio de 1855. Enviada aos cuidados de João Vieira Causamão de Sinimbú, Presidente da Provincia.



peça poderia ser um dos altares solicitados nos idos de 1850 ou se estaria retratando “ao rico retábulo” ainda existente em S. Luiz a 1853. Dada a importância do conteúdo exposto, bem como as implicações do uso recente como fonte da história, caberia descobrir se o dito altar transportado por Gay corresponderia a um dos afrescos em destaque.

**Figura 01: Antigo retábulo da Igreja de São Borja das Missões**



Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 5, 1941, p. 94.

## Figura 02: Retábulo na Igreja Nossa Senhora da Conceição



Fonte: RODRIGUES, Fernando. Resquícios jesuíticos missioneiros na terra dos presidentes e a potencialização para o desenvolvimento do turismo. Trabalho de conclusão para o título de Especialista - Pós-Graduação Lato Sensu do Curso de Especialização em Imagem, História e Memória das Missões: Educação para o Patrimônio, UNIPAMPA, São Borja, 2014, p. 22.

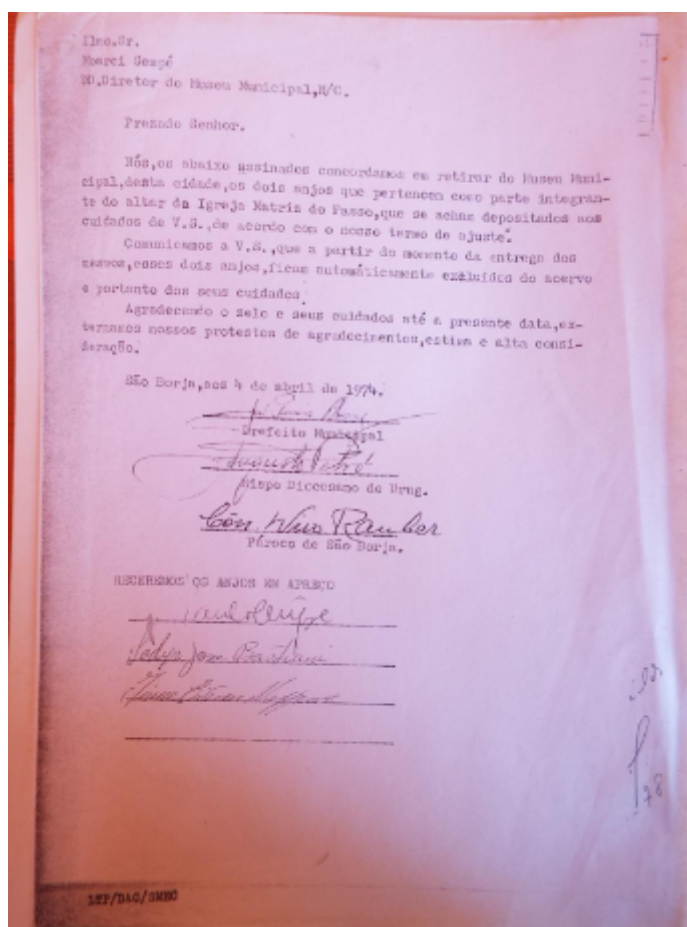
A imagem acima (figura 1) foi amplamente reproduzida na década de 1940 pelo arquiteto Lúcio Costa<sup>9</sup>, faz parte de um estudo, ou uma espécie de inventário fotográfico, do qual o próprio autor caracterizou como “A arquitetura dos Jesuítas no Brasil”. No que diz respeito à imagem abaixo (figura 2), trata-se de uma foto recente do retábulo da igreja Nossa Senhora da Conceição<sup>10</sup>. Entendemos ser irrelevante chamar a atenção para o fato de não haver nada nas imagens possivelmente indicativo de alguma semelhança entre as peças. Mais improvável ain-

9 Retirada originalmente de: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 5, 1941, p. 94.

10 Do retábulo que ainda resta na localidade, consta um parecer do IPHAN do ano de 1989. O afresco ficou catalogado no Inventário da Estatuária Missioneira, sob o número RS/89-0001-0036. Conforme o registro o móvel conta com 450 cm de altura, 343 cm de largura e 227 cm de profundidade.

da, é admitir a qualquer uma das mesmas a certeza de que se trata do retábulo que chegou a ser “recuperado” por João Pedro Gay. O problema, por sua vez, não se resume aos fatos salientados. Vejamos atentamente o conteúdo ofertado à luz do documento que segue, pois o mesmo mantém relação com os anjinhos que “compõem”, atualmente, o afresco da igreja Nossa Senhora da Conceição:

**Figura 03: Documento do Departamento de Assuntos Culturais (DAC/SB). LTP/DAC/SMEC Pasta Ano 1974-1978**



Da curiosa documentação acima se atesta o consentimento de algumas autoridades de época, em relação à transferência dos dois anjos querubins e, por contínuo, as suas integrações naquilo que hoje se conclui ser um retábulo original. O que para nós acarreta uma série

de ressalvas, principalmente no que diz respeito à fidelidade artística mantida sobre a peça, não descartando, inclusive, a oportunidade de estarmos fazendo uso de uma réplica muito mal elaborada do afresco original. E a hipótese não se encerra neste breve comentário. A mesma encontra-se evasiva quando fizemos uso do Parecer sobre as Imagens de Carlos Galvão Krebs. Neste prontuário técnico, realizado aos idos de 1973, o professor frisou com todas as letras a seguinte avaliação sobre a mobilidade dos querubins: “Pertenceram ao altar da Capela do Passo, desta cidade, recentemente demolida [sic] onde estavam colocados nas extremidades do altar”<sup>11</sup>.

Percorrendo a originalidade do evento, eis que tentaremos aventar de modo escapista uma avaliação histórica da transformação. Pelo que podemos acompanhar, o caso dos retábulos arrima a uma variação de informações contidas sobre o manejo do objeto principal. Nessas condições, é de suma importância atentar-se para os registros do inventário de Francisco Burno de Zavala (1768)<sup>12</sup>, pois neste consta o significativo registro de cinco retábulos. Este número modificou-se consideravelmente até meados do ano de 1821, quando o então naturalista francês, Auguste Saint-Hilaire, narra ter avistado apenas três altares – um que integraria “a nave principal e os outros, as laterais”<sup>13</sup>.

11 KREBS, Carlos Galvão. Parecer sobre as imagens [São Borja]. 14 de Setembro de 1973, fls 09.

12 Esse inventário foi realizado em decorrência da expulsão dos jesuítas do território missioneiro. Originalmente, foi publicado pela primeira vez na Espanha no ano de 1872, sob o título: Inventários de los muebles hallados a la expulsión de los Jesuítas de sus temporalidades por decreto de Carlos III en los pueblos de Misiones, fundados en las márgenes del Uruguay y Paraná, en el Gran Chaco, en el País de Chiquitos y en el del Mojos. Cuyos territorios pertenecieron luego al Virreinato de Buenos Aires – con introducción y notas. Madrid, 1872. Entretanto, existe uma análise compilatória dos inventários dos sete povos para a língua portuguesa, vide: DO NASCIMENTO, Anna O.; Oliveira, Maria I. (Orgs.). Bens e riquezas das missões. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008. Neste mesmo referencial, conferir a apresentação realizada pelo historiador Júlio Quevedo que traz por título “Os inventários dos sete povos das missões: o contexto histórico”, p. 9-37.

13 SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem ao Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 271.

## CAPÍTULO 2

### Entre registros: a mobilidade em torno dos retábulos missioneiros

A situação de descaso é notada novamente uma década após as declarações – como deixa indicar a inspeção de Arsene Isabelle:

Duas filas de colunas de madeira dura, de ordem toscana ou rústica, sustentavam a armação no meio e formavam uma nave. Os ornamentos foram levados; não restam mais do que dois altares dos lados, mas encontramos grande parte de ornamentos amontoados confusamente em duas peças laterais, que serviram outrora de sacristia<sup>14</sup>.

Essa descrição foi feita em 1833, e demonstra que em seis décadas e meia a localidade deixou de contar com três altares dentre os cinco constatados inicialmente por Zavala. Curiosamente, o tema dos retábulos é retomado em meados de 1846 pelo bacharel e Juiz de Direito da Comarca, Hemetério Veloso da Silveira, ao registrar um “pequeno altar do tempo dos jesuítas”<sup>15</sup>. A este bem, conforme palavras do mesmo, já estaria contido a “imagem do padroeiro, o preconizado duque de Gandia e primeiro bispo nomeado para o Brasil”<sup>16</sup>.

---

14 ISABELLE, Arsene. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 19-20.

15 DA SILVEIRA, Hemetério V. As missões orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre: Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909, p. 313.

16 Ibidem. p. 313.

#### Figura 04: Retábulo frontal com o Padroeiro São Francisco de Borja



Fonte: RILLO, Aparício S., O'DONELL, Fernando. Populário São-Borjense. São Borja: Nova Prova, 2004, pp. 46-47.

Tal retrato, conforme atestam os estudiosos locais, representaria um encontro na década de 1929 do “grupo de Filhas de Maria”<sup>17</sup>. Ao fundo, se faz notar o mesmo altar-mor retratado por Lúcio Costa, contudo, sendo aproveitado para o santo padroeiro da localidade. Este ponto reforça a tese quase secular de Hemetério Veloso, que reparou o mesmo fato, só que 83 anos antes.

Mas, a propósito, não são poucas as recordações populares que legitimam a versão de que, até meados de 1940, a localidade contava com pelo menos um altar principal que se fazia perceber na igreja Matriz e dois laterais. Um estaria na paróquia Nossa Senhora da Conceição e outro numa espécie de chácara, próxima do aeroclube da localidade que servia de “oficina” de restauro/reservatório das imagens [sic], também atraindo a cobiça de colecionadores e possíveis “apreciadores” da arte barroca. Seja como for, é indispensável demonstrar a importância que aqueles patrimônios continham para o imaginário

<sup>17</sup> RILLO, Aparício S., O'DONELL, Fernando. Populário São-Borjense. São Borja: Nova Prova, 2004, pp. 46-47.

popular, e isso se legitima em pequenas lembranças que a memória seletiva dos populários reserva para com o meio investigativo. Parte do contexto que situamos encontra sentido ao visualizar uma fotografia de 1937, retratando o matrimônio de Odila Gottfried Klug e Gaspar Prendel, na igreja matriz de São Francisco de Borja.

**Figura 05: Matrimônio de Odila Gottfried Klug e Gaspar Prendel, 1937.**



Fonte: acervo da família Gottfried Prendel

O retrato em questão é importante porque é um dos raros momentos em que podemos constatar e comparar o registro de algumas estatuárias ainda conhecidas no Museu Aparício Silva Rillo<sup>18</sup>. Contudo, nada sabemos do paradeiro do retábulo observado ao fundo. Debruçado a esse agravo de “ausência” do patrimônio, o que traduzimos tem por mérito dos registros demonstrar uma consequência histórica do desmanche acumulado ao histórico da localidade. E é de modo a fortalecer essa perspectiva que tentamos lançar luzes sobre o(s) sobre-dito(s) retábulo(s), pois percebe-se nesse(s) afrescos a demonstração

---

18 Da esquerda para direita as imagens que ainda são parte do acervo municipal e que é possível comparar com a fotografia: Santo Inácio de Loyola, um candelabro estrela, um nicho ao centro e o Senhor dos Passos à direita.

de um conjunto alegórico barroco, que se não foi perdido totalmente, foi consideravelmente modificado no decorrer dos séculos.

E nestas condições parece não haver maiores restrições em considerar que a nossa inspeção vai ao encontro de episódios possivelmente indicativos de condições mais favoráveis das que hoje se mostram intransponíveis. Isto por conta de não poder admitir uma leve aproximação entre a peça que restou e as fotografias por ora trabalhadas.

## **2.1 Do sentimento de impotência e a não preservação do patrimônio artístico reducional**

Não pode haver porvir para o nosso passado enquanto oscilamos entre os fundamentalismos que reagem frente à modernidade conquistada e os modernismos abstratos que resistem a problematizar nossa “deficiente” capacidade de sermos modernos<sup>19</sup>.

Faltaria tecer um comentário, não por menos breve, sobre as influências ou pensadores que supostamente tiveram uma importância nas concepções advertidas por João Pedro Gay. Em alguns rascunhos, que por opção aproveitaremos dedutivamente em outra oportunidade, é possível constatar que o francês tivera por inspiração Plutarco, Platão, Rousseau, Montaigne e Volney. Em resumo: pensadores dedicados a explicar a sociedade na qual viviam sem deixar de reconhecer o legado histórico das gerações passadas. E o patrimônio, naquelas condições, significava para o religioso o elo que lhe mantinha ávido com os tempos áureos do catolicismo que havia assumido enquanto ofício. Aliás, traduzir algumas concepções ontológicas daquele perso-

<sup>19</sup> CANCLINI, Néstor G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.



nagem frente ao desespero que lhe acompanhava, em comparação a um desuso recorrente daqueles patrimônios, foi por demais recorrente. Não por acaso, parte do conteúdo deixa entender que o religioso se mostrava demasiadamente desgostoso com o desmando aplicado ao uso do acervo. E o acúmulo de desgaste, já quanto notório nas suas exposições, ganhava forma por que ele conseguia expor, por intermédio de tantas reivindicações formalizadas, outros interesses de época que não a preservação do bem móvel. De modo um tanto quanto esclarecedor, Gay fez a seguinte manifestação:

Ilmo e Exmo Snr

Tenho a honra de participar à V. Exia que indo em principios deste mes em visita parochial ao antigo Povo de S. Luiz em Missões, achei o Collegio dos Jesuítas ocupado por quatro familias e o quadro da praça, que com o Collegio são proprios Nacionaes ocupado por oito familias das quaes quatro são negociantes. No telhado da Igreja em ruinas reparei falta de uma porção de telhas que me disserão terem sido tiradas por dous figurões.

Apezar de não estarem mais sob minha vigilancia varios objectos por determinação do antecessor de V. Exia recomendei muito a conservação dos Imagens que ainda ali se achão. Corta o coração Exmo Snr, à ver a maneira desembaraçada com que ahi e nos mais Povos cada um determina à seu bel prazer do que pertenceo aos Povos, ora cortando arvores, laranjeiras, ora carregando e raxando madeiras preciosas. Desde 1851, tenho escripto à Presidencia à este respeito; e o faço ainda uma vez, confiando no zelo patriótico de V. Exia que de certo dará alg.a providencia à este respeito, e eu ficarei em fim consolado vendo que minhas incessantes reclamações não ficarão sem effeito.

Deus Guard à V. Exia muitos annos.

Villa de S. Borja, 11 de Agosto de 1858.

Ilmo e Exmo Snr Conselheiro Angelo Moniz da Sa Ferraz.  
Senador do Imperio e Digno Presidente desta Provincia.

## O Vigário: João Pedro Gay<sup>20</sup>

Essas situações, segundo nossa interpretação, estiveram de alguma forma dispostas a um cenário de incertezas que justificaria a atuação de destaque do nosso personagem. E é amparado às mesmas que propomos uma dupla legibilidade de eventos, tendo presente o fato e o reconhecimento histórico perante o uso da informação e os procedimentos que poderiam ter sido adotados na tentativa de amparar os bens móveis missioneiros. Isto de modo a não deixar que se confundisse a uma paisagem de letargia que, segundo consta, já atingia proporções consideráveis ao ponto de não mais chamar a atenção das autoridades competentes. Daí por diante, há um João Pedro Gay já desacreditado, inclusive dos seus próprios esforços, como deixa transparecer a passagem em destaque:

Ilmo. Exmo Sñr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exia. que tendo ido em fins de Julho ultimo exercer o ministerio parochial na freguesia de S. Luiz desta Comarca e neste Municipio, ahi foi informado do facto que é do meu rigoroso dever levar ao conhecimento de V. Exia. No mes de fevereiro ultimo apparecerão no antigo Povo de S. Lourenço, que faz parte da frega. de S. Luiz, o Pe. Luiz Ma. Marsou Vigario encomendado de Sto. Angelo, o Cap. Antonio Antunes da Costa e outro individuo que dizem ser morador do Passo do Juhy Grande por nome Manoel Ayres, os quaes já levarão duas carretas, nas quaes carregarão cinco imagens grandes do antigo Povo de S. Lourenço (Senhor morto, S. Miguel, S. Izidro, S. José e o Sñr dos Passos) e tambem o unico sino que ahi existia do qual fallei circunstanciadamente à V. Exia.[...] Eu tenho conservado nos povos antigos decete jurisdição a uma pessoa de confiança encarregada de cuidar da Imagens. No Povo de S. Lourenço se achava encarregado por mim na occasião que levantarão as cinco imagens e o sino o indigena Julião Taupa, o qual querendo se oppor a pretenção se lhe disse,

20 A.H.R.G.S. AR.12 MARÇO 24 Clero Católico – Paróquias.

que assim procedião por ordem de S. Exia. Reva. O mesmo Julião Taupa me dei esta parte à 27 de Julho ultimo, cuja parte me foi confirmada pelos ditos de todos os [sic] do Povo antigo de S. Lourenço.

A vista do exposto fico exonerado de cuidar de mandar cuidar dos objectos pertencentes as antigas Reduções de Missões e em particular do sino de S. Lourenço e das Imagens e outros objectos pertencentes ao dito Povo, e tambem de S. Luiz e de S. Nicolau, onde pode acontecer que da mesma maneira se saque o pouco que ainda ahi existe, tem que se no dé a menor participação.

Deus G. a V. Exia.

S. Borja, 15 de Agto. De 1863.

Ilmo. e Exmo. Sñr. Dr. Espiridião Eloy de Barros  
Digmo. Preside de Provincia<sup>21</sup>

Como se vê, a atuação de João Pedro Gay frente ao impossível inspira duas hipóteses similares: a) tornar do contexto uma parte do imaginário local – como aqui se depreende; b) gerar, por intermédio do registro, uma política de preservação – algo possivelmente mais digno, frente à insistência e empenhos alogidos pelo vigário na época dos registros. Todavia, qualquer que seja a contribuição dada, aqui, ao desfecho acurado das perdas, elas só estarão a legitimar fatos que o próprio Gay já demonstrara com propriedade, trata-se de uma tarefa audaciosa. Quase utópica, embora convicta e de recordações inestimáveis:

Mas, o que por modo algum deixará de ser minuciosamente veneradas, e que parecem condenadas pelos reformadores ao mais completo e injusto aniquilamento. Se não conseguirmos salvá-las, pois que nossos hombros fraqueiam, temos fé não clamaremos em balde por mais robusta, por penna mais habil, que conte aos porteros, o que são e o que foram, os povos de Santo Angelo, São João Baptista, São Miguel, São Lourenço, São Luiz Gonzaga, São Nicolau e São Francisco de Borja, com suas monumentaes bazilicas, seus campanarios repletos de sinos, ahi mesmo fundidos, nada lhes faltan-

21 I.H.G.B. Coleção Padre Gay – DL 406-24.

do para a magestade do culto catholico<sup>22</sup>.

Com essas contribuições, é possível advertir uma série dramática da potencialidade já perdida. Talvez por isso, a sensibilidade é parte contígua ao conteúdo do religioso e, sob a luz da mesma, fica a impressão que mantemos uma relação afetiva para com um acervo ainda intacto. Isso explica o fato de que parte das informações trabalhadas oriunda de apontamentos, telegramas, rascunhos, e aproveitamentos de resenhas que o religioso redigiu – com intuito de chamar a atenção das autoridades competentes para um problema ascendente ao seu tempo e origem.

De toda sorte, o conteúdo assumido por aquele nada mais é do que risórios registros sobre objetos perdidos ao longo dos séculos. E dos efeitos irreversíveis fica um demonstrativo fiel aos nossos dias, do quando é difícil se fazer engajado para fatos desse agravo ou para outras situações de difícil convencimento – como, por exemplo, convencer um proprietário de uma peça que a sua posse foi, num passado, uma apropriação da identidade de outros vários. Nestas condições, torna-se coerente entender os erros cometidos no passado estão à espreita, pois podem, evidentemente, voltar a se repetir. E como reação a esses acontecimentos, fica fácil entender que o descaso reverte-se, potencialmente, a um sentimento de impotência. Consecutivamente nos faz interrogar nossas ações no tempo presente – ou o que de fato estamos alcançando quando nos mostramos pacientes e convictos a uma política de conscientização patrimonial. Mas eis uma circunstân-

---

22 Esse trecho foi retirado de um artigo intitulado Viagem a Missões. Trata-se de uma análise que teve de ser dividida em três edições consecutivas do periódico oitocentista Mercantil. Vide: Mercantil, n. 122, quarta-feira, 31 de Maio de 1882. A continuação da crônica se deu nos dois números seguintes do periódico, ns., 124, sexta-feira, 2 de junho de 1882 e 125, sábado, 3 de junho de 1892. Seu autor não se fez reconhecer em firma, mas em comparação a rascunhos e bilhetes do próprio religioso, é possível chegar-se ao conhecimento que o conteúdo foi elaborado e escrito por João Pedro Gay. A.C.H.J.C.

cia não compreendida, aparentemente, pelo personagem histórico que tentou com todos os seus esforços chamar vistas para o problema da preservação: talvez, desconhecesse que “de outro lado, a estatuária, no início do século XIX, tinha mais valor de uso do que de mercado”<sup>23</sup>.

---

23 ALHERT, Jacqueline. Ruínas na terra do porvir. In: Missões em Mosaico. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (Orgs.). Porto Alegre: Faith, 2011, p. 184.

## **CAPÍTULO 2**

### **Entre registros: a mobilidade em torno dos retábulos missionários**

# CAPÍTULO 3

## DO INVENTARIAR NO TEMPO HISTÓRICO: ALGUMAS DISTORÇÕES AO USO MODERNO

O trabalho de inventariar a imaginária missioneira é, ainda hoje, extremamente difícil pela dispersão das peças, pelo desconhecimento de sua localização e pela discrepância das informações coligidas, tanto na história oral, como na bibliografia existente<sup>1</sup>.

Não é possível fazer um balanço com relação ao patrimônio móvel de São Borja sem antes fazermos uma revisão (mesmo que rapidamente) do contexto que levou a sua modificação e, posteriormente, ao fracionamento correlato de outras localidades. E, como não poderia ser diferente, eis um fato rememorado por João Pedro Gay. Incansável nas suas reivindicações frente ao já ratificado desmando, eis que o Vigário acaba fazendo uma revelação para lá de inusitada para o então Deputado à Assembleia Geral, e também Presidente da Província de São Pedro, o senhor Spiridião Eloy de Barros Pimental:

Faz treze annos, Ex.mo Sñr, que eu tinha desconfiança que vou relatar, más dou os parabens a minha fortuna de ter adquirido certeza d'elle na ocasião em que o Brasil precisa mais de recursos. Indo percorrer no mes de Janeiro ultimo com o distincto geologo Nathaniel Plant, mui honrado Ingles, os antigos Povos Jesuíticos da margem Oriental do Uruguay para fazermos exames geologicos e minerologicos, de cujas investigações mandei já às Notas datadas de 9 de fevereiro para serem publicadas no Correio do Sul em Porto Alegre, encontremos no antigo Povo de S. Lourenço um velho sino bastante grande, muito mal fundido e em mau estado

---

1 VIEIRA, Mabel L.; COUTINHO, Maia I. Inventário da imaginária missioneira. Porto Alegre: Iphan e Comissão 300 anos, 1993, p. 39.

do qual cortemos uns pedaços mui pequenos e pelo exame que se tem feito posteriormente destes pedaços n'elles se encontrou bastante prata misturada com cobre e nichel, com apparencia de uma pequena mistura de ouro. Dito sino esta attirado na varanda do antigo Collegio Jesuítico de S. Lourenço, exposto à ser roubado assim como desde princípios de 1860, roubarão um sino da velha torre de S. Luiz. Sinto não ter conservado pedacinho nenhum do metal d'esse sino para o enviar para amostra à V. Ex.ia

Porém junto envio uns pedacinhos de metal de outro sino que se acha em S. Borja, e que encontrei no chão debaixo da velha torre em princípios de 1850, e qual anteriormente me fez nascer desconfiança do facto que relato. Estes pedacinhos que mandei cortar de proposito para enviar à V. Ex.ia parecem conter prata e ouro em quantidade do que V. Ex.ia se verificará mandando proceder a seu exame<sup>2</sup>.

Até o momento, não encontramos documento algum atestando se o então Presidente da Província se mostrou convencido do conteúdo exposto. Em todo caso, é inócuo ter de dizer que, junto dessas considerações, tiveram de ser acrescentadas várias interferências até legitimar uma zona de abandono. Preferencialmente, venho aproveitando das memórias para retratar não só um comportamento de época, mas ainda um comportamento de descaso muito regular aos dias contemporâneos<sup>3</sup>. Nestas condições, a metodologia em curso se volta a reco-

2 Villa de S. Borja, 9 de Março de 1863. A.H.R.G.S. AR 12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias.

3 Sobre o tema do descaso, em todo o Brasil imagens e documentos são perdidos ou destruídos devido ao “descaso”. Este termo pode ser entendido como um sinônimo de ignorância, ou seja, quando as pessoas ignoram a importância de peças históricas que tem em mãos e as tratam muitas vezes como lixo (no caso de estátuas e obras de arte) ou entulhos (no caso de livros ou documento). Existe, também, um desinteresse evidente de determinados grupos sociais, que não compreendem algum patrimônio como representativo ou expressivo do seu passado, muito menos se vinculam ao passado histórico em que um determinado patrimônio foi construído como seu, e, por isso, mantém uma relação de indiferença para com aquele patrimônio. QUEVEDO, Júlio; RODRIGUES, Márcia C. O “descaso” com o patrimônio histórico são-borjense: educação patrimonial em sala de aula. Revista Latino-Americana de História - Edição especial, v. 2, n. 6, ago. 2013, p. 265. Em ligação a isso, no que tange ao inventário das peças, as dificuldades vão desde a inacessibilidade a acervos particulares à ignorância e, por vezes, como no caso da queima do São Pedro e do Senhor Morto, o dogmatismo. Além do extravio de imagens durante o parcial, mas constante abandono dos índios às reduções, os êxodos (1756, 1767, 1801, 1828), roubos, incêndios, falta de conservação, transportes precários e outros fatores contribuíram para a perda substancial desse patrimônio e dificultam a quantificação do acervo de uma imaginária missioneira. Retornando à questão do descaso, vários retábulos teriam sido transformados em lenha durante o século XIX, e, ainda hoje,

nhecer a origem do problema e seus primevos interlocutores.

Supõe-se, e não pode ser diferente, que o melhor caminho a ser trabalhado para a constatação seja a utilização de inventários. E decidimos aprofundar o debate deste último capítulo por sobre os mesmos. Em um dos inventários mais utilizados entre os historiadores, aquele que envolveu o reconhecimento de Francisco Brabo, em 1872, se atesta uma diferença significativa de abordagem. Conforme a descrição do documento, São Borja contava com:

*Un jarro grande y una fuente tambien grande para el Lavabo en las misas solemnes. [...] Diez y nueve manteles de altar, de bretaña y bramante, nuevos, y otros nueve viejos. [...] Veinte y cuatro cornualtares; [...] Andores para los santos en las procesiones; [...] un cajon que sirve de altar portátil. [...] Veinte y cuatro bultos de imágenes, inclusa la de la estancia, que ésta tiene corona de plata. [...] Várias piezas de cristal, como son: cuatro picheles, siete frascos, una limeta, un vaso grande con su tapa, treinta y nueve vasos ordinarios, dos platos y outros dos platillos con cuatro jicaras de China<sup>4</sup>.*

Afastando-se de falsas afirmações, pode-se dizer que algumas imagens continuam a resistir ao tempo, promovendo, assim, uma risó-

---

muitas das peças remanescentes, privadas de apreciação e conhecimento do público, pertencentes a acervos particulares, enriquecem o mercado clandestino de arte sacra dentro e fora do país. AHLERT, Jacqueline. Remanescentes Missioneiros na Estatuária. In: TAU GOLIN, Luiz Carlos; BOEIRA, Nelson (Coord.). KERN, Arno; SANTOS, M. Cristina dos; TAU GOLIN, Luiz Carlos (Dir.). Povos Indígenas. Passo Fundo: Méritos, 2009, v. 5 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 288-290. Ver também: COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo. São Borja e seu patrimônio quase “esquecido”: o caso das missões jesuíticas na terra dos presidentes. IV Congresso Internacional de História. Maringá, 2009. RODRIGUES, Fernando. Estatuária missioneira: da idolatria ao fogo. In: Missões em Mosaico. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (Orgs.). Porto Alegre: Faith, 2011, p. 251-262.

4 As informações foram firmadas no povo de San Francisco de Borja, em 21.02.1768, por Alonso Blanco, da Companhia de Jesus, e foram abonadas na redução de Loreto, no dia 26.03.1768, por Manuel de Orudi. Retirado de: BRABO, Francisco Javier. Inventarios de los bienes hallados a la expulsión de los jesuitas y ocupación de sus temporalidades por decreto de Carlos III, en los pueblos de misiones... Madrid: Imprenta y estereotipia de M. Rivadeneyra, 1872. Contudo, segundo consta, as informações também foram retiradas do levantamento dos bens materiais de Francisco Bruno de Zavala, em 1768.



ria, embora importante demonstração do requinte acompanhante de tais patrimônios, bem como outros desdobramentos estéticos adaptáveis para com os mesmos. De toda forma, não existem argumentos suficientes para ratificar o conjunto que foi perdido ao decorrer dos séculos. E, portanto, não se fazem conter nos inventários ou noutras situações correlatas que não um modelo apriorístico de arte, ou outros arcabouços teóricos atestando os conceitos patrimoniais de origem.

Ao entender de Josefina Plá<sup>5</sup>, o apogeu do modelo reducional significava que cada igreja deveria possuir em média 100 imagens ornamentando seus interiores. Não sabemos ao certo quais informações a estudiosa se utilizou para fazer tamanha afirmação. Em todo caso, não podemos fingir uma preocupação para com o contexto arrolado. Wolfgang Hornisch consegue ser mais otimista que a autora ao fazer a seguinte declaração:

Cálculo que encontrei, fora das duzentas estátuas que pertencem o museu (de São Miguel), cerca de cem plásticas preciosas, artísticas e dignas de referência, apurando-se assim um total de trezentas obras de arte religiosa. Presume-se daí que existissem cerca de mil produções de escultura somente nos Sete Povos<sup>6</sup>.

Contagens à parte, a análise investigativa com relação ao número total das peças sempre foi e, ao que parece, permanecerá numa grande seara de incertezas. Esse universo um tanto quanto imprevisível chegou a ser o motivo impulsionante do estudioso Armino Trevisan a excursionar pela região missioneira (lado brasileiro), em fevereiro de 1976. Pelas suas anotações, chegou-se ao conhecimento que

---

5 Ver mais em: PLÁ, Josefina. El barroco hispano guaraní. Asunción: Editorial del Centenario S.R.L., 1975.

6 Ver mais em: MEYER, Augusto. Relíquias dos Sete Povos. In: \_\_\_\_\_. Prosa dos pagos. Rio de Janeiro: São José, 1960, p. 279.

São Borja resguardava apenas 19 imaginárias, ou seja, muito distante dos números apresentados por seus colegas em passagens anteriores. Todavia, curiosamente, o número de 19 imaginárias ainda persiste no museu municipal da localidade.

Raciocinando em conjunto ao que já foi abordado, é possível ariscar uma formulação ao problema: a nosso ver, a discordância com relação à quantidade exata das peças tem sua origem logo do momento onde os religiosos receberam a notificação do governo espanhol, em comum conhecimento de Portugal, de que deveriam deixar os povoados (1768). Conclui-se até meados do século XIX, quando já se constata que “os sete povos passarão rapidamente ao estado de lugares abandonados”<sup>7</sup>. No caso de São Borja, tal realidade pode ser atestada desde a descaracterização do território missioneiro, com seu começo aos idos da terceira década do século XIX, quando por vontade política dos cidadãos foi decidido:

mandar-se por em pasta pública, e arremathar quem mais der não só os quartos ou casebres dos Indios, que circundão a praça da Matriz, mas também os demais quartos, que se denominão = Collegio = que são iguaes a aquelles, e que ameação prompta ruina<sup>8</sup>.

7 DREYES, Nicolau. Notícia descritiva da província do Rio Grande de S. Pedro do Sul. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1927, p. 101.

8 Essa transcrição data de 1834. Assinam o documento, Manoel dos Santos Loureiro, Ten. Cor. Jose Corrêa da Silva Guimaraes, José dos Santos Carvalho, Candido Guimarães, Vasco Jose Guimarães, Evaristo Jose Guimarães, Jose Francisco Guimarães, O Vigário José Cariolano da Souza Passos, Ramão Trois, Laurindo Vaz, Manoel Ignacio Pimenta, Domingos José da Silveira, Manoel Jose da Silva, Francisco Roballo, Esimar Franco, [sic] Miranda, Justino Silva, João Ferreira Barbosa, Joaquim de Oliveira Pompeo, Rafael Neto, Fabiano Pires da Moreira, Domingo Molina, Antonio Deoclecino, João Christião Hoffmann, Jacob Manuciler, João Lopez Lencina, Thenorio Jose da Silveira, José Joaquim de Castro, João Sheling, Antonio Gonçalves da Motta, Pedro G. Caminha, Francisco José Martins, O cirurgião Mór Joze Joaquim de Oliveira Gomez, José Mario Barbara Moreno, [sic] Luiz da Silva, José [sic], Joaquim Lopes Viera, Joze Antunes Montheiro, Jeronimo Trois Mafar, Jacintho Jose Soarez, Jose Joaquim Ribeiro, Joze Francisco Aliz [sic], Fulgencio José da Silveira, Juan Gregorio Gomes, José Pedro Pereira Escobar, Tristão de Araujo Nóbrega, Manoel Silveira Lago, Francisco Joaquim da Silva, Marcelino José da Silveira, Bernardo de Abreu, José da Silva, Manoel Martin Castilho, Luiz Parré, Francisco da Silva Pereira, Manoel Joze da Villa, [sic] Fessé, Francisco Silva [sic], Manoel Duarte, Ber-

Da assinatura desse documento e, por conseguinte, o seu consenso diante do universo político da época em que foi assinado, eis que a localidade foi envolvida a presenciar as primeiras manifestações de infrações aos patrimônios tangíveis, ainda de alguma forma ligados aos “tempos jesuíticos”. Já habituado aos propósitos costumeiros ao redor, e convencido a denunciar não só o descaso das elites de época, mas também os desmandos impositivos de uma lógica de legitimar a dispersão daqueles bens, o já rememorado João Pedro de Gay chamou a atenção do então Provedor Episcopal:

Ilmo e Exmo Snr

Em resposta ao officio que Ilmo e V.Sa me dirigio à 30 de Agosto ultimo pedindo-me como Provedor da Episcopal Irmandade de N. S. Dos Passos da Villa de S. Leopoldo, algumas imagens de Santos de que carece a Episcopal Irmandade para sua Capella, cujas imagens em sua visita nos povos de Missões V.S. vio existirem n'uns quartos dos antigos povos sem o decente culto pela Igreja exigida especialmente no deposito d'Imagens em S. Luiz; tenho a honra de participar à V.S. que desejando prestar-lhe este pequeno serviço e sobretudo praticar um acto de religião; salvando da destruição estas imagens, como salvei varias em S. Borja que mandei de novo encarnar e procurar que se lhes desse o devido culto, dirigi-me por antecipação à S. Luiz, para que estas imagens estivessem promptas à seguir de S. Borja para Porto Alegre, quando ao chegasse a authorisação que V.S. ficou de me enviar e comissionando ao cidadão Eloy J. Jacintho de as trazer, porém acaba de me dar parte o mesmo cidadão que o Inspector de quarteirão de S. Luiz se oppuz à que trouxessem as ditas Imagens, embargando-as e fechando o deposito aonde se achão com novas fechaduras.

Exprimindo-lhe o meu pezar, é tudo quanto por ora posso dizer à V.Sa , por que aomda não refleti nos meios que há de tomar à bem do culto destas Imagens, à pezar da opposição do bom do Inspector que quer por a mão no thuribulo. Creio

---

nardo [sic], Anicato Mergano, Pedro Parré. A.H.R.G.S. Maço 10 Caixa AR 5 – Fundo Autoridades Municipais (A.M.U. 231/124). 1834-1836; 1844-1847 – Camâra Municipal de São Borja.

que me enviando V.S. a authorisação que ficou de mandar não terei dificuldade em tirar e lhe enviar as Imagens. Deus Guarde à V. Sa Villa de S. Borja, 1º de Outubro de 1856.

Ilmo Snr Dr José Antonio do Valle Calore e Fião  
Digno Provedor da Episcopal Irmandade de  
N. S. Dos Passos em S. Leopoldo.  
O Vigario: João Pedro Gay<sup>9</sup>

Pensamos não ser repetitivo admitir que a diversidade constatada ao uso dos documentos não demorou a ser deformada. Em contrapartida, não podemos simplesmente fazer uso desta observação sem antes situar a incansável luta do vigário naquilo que consistiria referir como advertências de resguardo para com o “patrimônio da nação”. Desse propósito por diante, o vigário passou a denunciar as ações de mau uso para com o acervo por parte das famílias tradicionais da localidade. Vejamos, por compendio, outro documento onde fica subentendido a atuação das lideranças em conjunto com vistas a descharacterizar toda e qualquer paisagem que pudesse fazer lembrança (leia-se justificasse) o período jesuítico:

O Povo de S. Borja na epoca da conquista dos Brasileiros possuia uma rica Matriz, existião templos formosos nos outros seis Povos de Missões. A Matriz de S. Borja tinha tres naus seu cumprimento era pouco mais ou menos de 200 palmos e sua largura de 100. A Capella mor tinha 50 palmos em quadro com seus competentes consultorios dos lados. Possuia dita Matriz brilhantes alfaias de panno dourado e prateado; numerosos altares bem lavrados e dourados; muitos [sic] de ouro e de prata; batisterios e numerosas imagens em perfeito estado; Grande porção de sinos estavam suspendidos a sua modesta torre. Dita Matriz com suas riquezas nada tinha custado a Nação Brasileira que não soube as conservar. Pelo descuido dos Administradores e Governadores de Missões e por causa das continuas guerras de que Missões foi principal

9 A.H.R.G.S. AR 12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias.

theatro durante varios annos os templos dos Sete Povos de Missões forão se arruinando e cahindo. De balde os moradores de S. Borja em 1827 por meio de uma Subscrição tratarão de reparar a sua Igreja elles não puderão obstar a sua proxima e inminente ruína. Cahirão os Templos Jesuíticos de Missões e suas riquezas, suas alfaias, suas pratas, seus retablos, seus sinos forão sucessivamente ou roubados ou levados para outras Capellas da Provincia; Alegrete, Cruz Alta, Rio Pardo, Caçapava possuem alfaias de Missões<sup>10</sup>.

Essa situação parece coerente com a leitura que nos propomos a apresentar, uma vez que tivemos por premissa emitir interpretações de forma a auxiliar. Por isso, fica fácil dizer que a temática dos bens móveis continua premente nos dias modernos. E isso explica, em poucas palavras, que a prática da não preservação, ao invés de ser uma atitude anormal, se mostra de fácil assimilação. E o pior, a longas décadas.

### **3.1 Da imprevisão e das incapacidades que rondam a preservação do acervo**

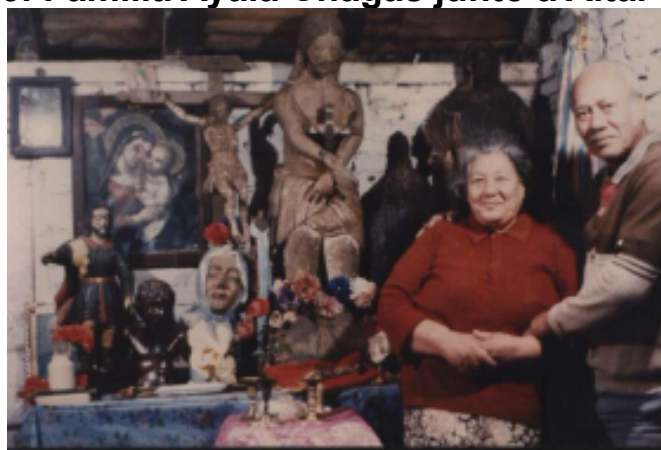
O oratório popular em destaque, na figura abaixo, originalmente chegou a comportar um conjunto mais amplo de imagens. A propósito, a foto traz ao fundo o registro de duas estatuárias que ratificam a versão. Ambas escamoteadas como resultado de uma queima que levou a descaracterização original do acervo. Os registros mais modestos da memória local atestam que o espaço passou a servir como amparo espiritual nos anos da Guerra do Paraguai. Daí por diante, a prática de benzedeadas e rezadeiras se fez constante na família Chagas a pelo

---

10 A copilação ficou registrada como Art. 9º Adjutorio para a Igreja Matriz de S. Borja. E teve como destinatários Silvano José Monteiro d'Araujo e Paula, Presidente e mais vereadores da Camara Municipal da Villa de S. Borja em Missões. Traz como local e data de registro a Villa de S. Borja, 11 de Janeiro de 1858. A.H.R.G.S. AR 12 MAÇO 24 Clero Católico – Paróquias.

menos cinco gerações<sup>11</sup>. Nestas condições, sempre foi muito comum a presença de populares que supunham suas graças no local em questão, da mesma forma que existiram outras várias que previam outros valores contidos num único local, seja no sentido artístico ali disposto ou ainda no sentido financeiro do acervo. Dito de outra forma: a casa sempre foi cobiça de muitos aficionados das peças barrocas. Até aí, parece não haver novidade alguma em afirmar que não foram poucas as recusas da família em relação a ofertas que pudessem descaracterizar o acervo estatutário.

**Figura 06: Família Ayala Chagas junto a Altar Jesuítico**



Fonte: Arquivo Histórico de São Borja

Outro fato que sempre chamou atenção por parte dos frequentadores do oratório condizia às condições de má segurança das peças, pois nunca esconderam que num determinado momento o conjunto poderia sofrer uma nova baixa. Todavia, a potencialidade ali contida só veio a chamar a atenção da gestão municipal no ano de 2007, quando

---

11 Pelas informações do inventário realizado pelo Iphan em 1989, constata-se que D. Bertulina dos Santos (avó do proprietário, o sr. Leôncio Ayala Chagas) por muito tempo prestou serviços espirituais de benzedeira. Nos idos da década de 1970, o acervo do já rememorado oratório popular contava com uma imagem de Santa Cecília de dois metros de altura. Ao que consta a imagem acabou sendo “levada” por um senhor de nome João [sic.], que trabalhava na Prefeitura Municipal, com a promessa de restaurá-la. O que jamais ocorreu e o pior sem jamais saber o destino que conduziu aquela.

a família decidiu realizar a doação de todo o seu acervo ao Museu Municipal Apparício Silva Rillo. O fato foi motivado por um Pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, que acabou ateando fogo por sobre duas peças num culto, resultando na queima total de um São Pedro (Inventário Nº RS/91-0001-0052), e de um Senhor Morto (Inventário Nº RS/91-0001-0053). Deste último, como observável nas fotografias, restou apenas o tronco intacto.

**Figura 07: Senhor Morto (Inventário Nº RS/91-0001-0053)**



Fonte: crédito da imagem a Fernando Rodrigues

**Figura 08: o que restou do Santo após a queima**



Fonte: crédito da imagem a Fernando Rodrigues

Os periódicos de época indicam que o pastor não demonstrou nenhum ressentimento com o fato, pois conforme suas palavras: “a queima de imagens é uma prática habitual. [...] buscamos, com isso, promover a libertação espiritual”<sup>12</sup>. A suposta libertação seria uma espécie de cura garantida pelo pastor ao cônjuge da senhora Oraides Chagas, o senhor Leôncio Ayala Chagas, enfermo de câncer. Na esperança de ver a cura do ente querido, Oraides acabou por recorrer às orações do pastor. Em todo caso, o mesmo exigiu as estátuas como contrapartida para serem “queimadas” em culto<sup>13</sup>.

O evento resultou numa ação pública de nº 030/1.07.0004052-1, na comarca de São Borja. E, por intermédio desse registro, se chega ao conhecimento que o Pastor Fábio Guimarães da Silva Pereira se tornou réu pelo ocorrido. Daí por diante foram feitas buscas e apreensão ao templo da Igreja Universal de São Borja. Desta ação foi possível recuperar parte do tronco do Senhor Morto, com Inventário do IPHAN (1989) sob o nº RS/91-0001-0053. Da outra peça, o São Pedro, não há prova alguma desacreditando o fato de que o seu destino tenha sido a queima total. Uma vez que as ações do pastor já eram bastante conhecidas, por jurar queimas e quebras para todas as “iconoclastias possíveis”. Das várias tentativas que foram feitas à família para convencê-los da doação, eis que resultou uma fotografia onde podemos avaliar a existência da peça antes do ocorrido.

---

12 Palavras do próprio pastor ao jornal Folha de São Borja de 02/09/2007

13 Depoimento de Fernando Rodrigues, junto à comarca local, em agosto de 2008.



**Figura 09: imagem de São Pedro**



Fonte: RODRIGUES, Fernando. Resquícios jesuíticos missioneiros na terra dos presidentes e a potencialização para o desenvolvimento do turismo. Trabalho de conclusão para o título de Especialista - Pós-Graduação Lato Sensu do Curso de Especialização em Imagem, História e Memória das Missões: Educação para o Patrimônio, UNIPAMPA, São Borja, 2014, p. 68.

No que tange aos meandros judiciários da comarca, a ação foi dada por encerrada em 1ª instância, restando ao Pastor (réu da ação) a indenização simplória no valor de R\$96,12 (Noventa e seis reais com doze centavos). Tal fato acabou levando o Ministério Público a recorrer da decisão e, atualmente, ao que podemos acompanhar, ainda tramita em instância superior, embora sem prazo para ser retomada.

Seja como for, o fato é que apenas em Outubro de 2007, depois de muitas tratativas e esforços do Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura, a família Chagas Ayala ficou em acordo de aceitar o município como o fiel depositário de 21 peças missioneiras. Em todo caso, surge uma curiosa eventualidade, trazendo a marca de que o Iphan já havia inventariado 08 peças. Daí, fica a lição, mostrando ser insuficiente reconhecer a existência daquelas em meio a várias ações

que colocam em cheque a importância de criar instrumentos para, de fato, fazer valer a máxima da preservação e salvaguarda das relíquias barrocas.

### **3.2 Patrimônio e ensino: por uma educação patrimonial missioneira em São Borja**

Nos dedicaremos, agora, a uma questão deveras fundamental, dado o que foi trabalhado até o momento: a educação patrimonial. Ou melhor: uma educação voltada ao patrimônio missioneiro em São Borja. E ao tratar de tal questão, de maneira breve e direcionada, tentaremos elaborar algumas reflexões e, ao final, esboçar uma ação pedagógica em educação patrimonial, de forma a estabelecer o diálogo próximo – e necessário – entre pesquisa e ensino relacionado ao patrimônio.

Ao tocarmos no termo educação patrimonial, o compreendemos enquanto um processo permanente e sistemático, centrado na fonte primária, e a partir da experiência e do contato direto. Esta perspectiva está diretamente ligada ao conhecimento, apropriação e valorização da cultura, em vias de proporcionar processos contínuos de (re)criação cultural. Nesta esteira, propostas em educação patrimonial, junto às políticas de preservação, atuam com o objetivo de reforçar uma identidade coletiva. Visam educar e formar cidadãos. E o papel da educação patrimonial é criar mecanismos que viabilizem e estreitem a relação entre patrimônio e sociedade<sup>14</sup>.

Uma das questões problemáticas neste sentido, ligada ao ensino, é a de que a própria escola cumpre, muitas das vezes, precariamente

---

<sup>14</sup> Ver mais em: FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

e de forma limitada uma de suas funções: a de formar cidadãos com base cultural comum. O próprio hábito de consumo de bens culturais acaba podendo ser restrito. Neste contexto, a iniciativa da educação patrimonial pode e deve partir também das instituições detentoras do patrimônio histórico e cultural aliadas às próprias instituições de ensino<sup>15</sup>. Pois, mesmo com as possíveis limitações da escola, esta se caracteriza, ainda, como o espaço de efervescência de uma construção de conhecimento patrimonial, relacionada ao pertencimento, à memória e à identidade. A questão, aqui, é trabalhar as possibilidades em educação patrimonial, direcionadas aos contextos específicos, como o são-borjense.

Numa perspectiva próxima ao trabalho de historiadoras, historiadores, professoras e professores de História, podemos pensar na educação patrimonial em arquivos<sup>16</sup>. A ação educativa patrimonial é essencial para a preservação e a legitimação do patrimônio público pertencente a um estado, cidade ou nação, estabelecendo a aproximação, o contato direto entre fontes e estudantes. A noção do arquivo como elemento de ação educativa já vem sendo difundida desde a década de 1950, na França. Com renovação pedagógica requerendo métodos ativos, as autoridades educativas foram levadas a se preocuparem com o estreitamento das ligações entre escola e arquivos<sup>17</sup>. A ação educativa em arquivos mostra-se uma ferramenta importante no contexto social pelo seu caráter de aprendizado diferenciado, contribuindo no processo de cidadania, democratização, apropriação de cultura. Além disso, contribui na construção de um sentimento de pre-

---

15 Ibid.

16 Ver mais em: FRATINI, Renata. Educação patrimonial em arquivos. *Histórica - Revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n. 34, 2009.

17 BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 234.

ocupação com a conservação e com a preservação do patrimônio histórico cultural. Este tipo de iniciativa pode contribuir de forma relevante para a incorporação do patrimônio, para a democratização da cultura e para o acesso à informação – sem contar que as atividades na área patrimonial auxiliam na preservação dos próprios arquivos.

Com uma visão equivocada, a sociedade, muitas vezes, entende os arquivos como um sinônimo de papéis velhos. “Arquivo morto” torna-se sinônimo de lugar muitas vezes escabroso, em que se guardam manuscritos antigos e inúteis. Eis um dos motivos para nos educarmos/propormos em educação patrimonial. Tem-se uma noção de que o arquivo se resume a “documentos e materiais historiográficos que parecem interessar somente a exóticos pesquisadores”<sup>18</sup>. O passado acaba sendo concebido como algo acabado e fechado, não havendo um sentimento de pertencimento entre a sociedade e aquilo que é preservado. Isto leva a problemas diversos, como descarte de itens de valor histórico e cultural, compreendidos enquanto sucata – bem como a queima de imagens, a partir de prerrogativas fundamentalistas e ignorância, como visto anteriormente neste texto.

O uso dos documentos históricos deve reconstruir com os alunos o caminho que percorre o historiador. O grande desafio para nós é pensarmos ações criativas capazes de transformar a relação entre indivíduos e arquivos. Cada dia mais, devemos incorporar o uso da tecnologia, criando possibilidades para melhorar a relação entre sociedades e arquivos públicos – e, principalmente, entre jovens e arquivos<sup>19</sup>.

Lembramos Koselleck (1992) quando este propõe, ou melhor,

---

18 PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25.

19 LUPORINI, T. J. Educação patrimonial: projetos para a educação básica. Revista Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 31. p. 325-338, jan./jun. 2002, p. 326.

parte da premissa de que toda a história trata das experiências que são particulares ou estranhas e de que as maneiras de contar e elaborar as histórias estão relacionadas às maneiras pelas quais as experiências são aprendidas, acumuladas ou transformadas. A maneira como aprendemos sobre o passado, preservamos o patrimônio e transformamos a memória liga-se com a perspectiva de futuro que buscamos construir. É neste sentido que defendemos, veementemente, a proposição de ações em Educação Patrimonial, direcionadas ao patrimônio missioneiro são-borjense. Isto relaciona-se a um exercício de leitura do mundo e de suas contradições, reconhecendo os silenciamentos, os esquecimentos, as exclusões (num pano de fundo de memórias em disputa, muitas vezes, relacionadas a interesses específicos de grupos sociais), pertinentes à composição da memória e da história. A principal contribuição da educação patrimonial, neste contexto, está na revitalização dos vínculos do tempo presente com o passado histórico, buscando nos vestígios culturais de origem missioneira são-borjense os resíduos possíveis reconstruídos e ressignificados, que possam fortalecer a memória, seja social ou coletiva. Isto se dá pois as sociedades devem ter, além do acesso, a capacidade de entender o que se opera e precisa eleger seu patrimônio. Portanto, antes de mais nada, reconhecê-lo, compreendendo, assim, a sua importância em níveis culturais e mesmo de desenvolvimento econômico para a região em que se encontra. O patrimônio, nesta perspectiva, não se restringe a políticas públicas – por mais fundamentais que sejam em sua efetivação –, mas ao processo de construção e conscientização dos grupos sociais envolvidos<sup>20</sup>.

---

20 Ver mais em: QUEVEDO, Júlio; RODRIGUES, Márcia C. O “descaso” com o patrimônio histórico são-borjense: educação patrimonial em sala de aula. Revista Latino-Americana de História - Edição especial, v. 2, n. 6, ago. 2013, p. 266-269.

### **CAPÍTULO 3**

#### **Do inventariar no tempo histórico: algumas distorções ao uso moderno**

Com isto em mente, podemos pensar em uma ação educativa voltada ao patrimônio missioneiro são-borjense. Numa diversidade de fontes que vão desde as materiais até as escritas e imagéticas, podemos empreender, na educação básica, por exemplo, iniciativas de investigação histórica e de interpretação de fontes históricas. Colocar os alunos em contato com um corpus de fontes, diretamente, auxilia não somente na compreensão do patrimônio a nível teórico, mas na construção de um senso de memória coletiva, de identidade, de pertencimento e no alargamento do entendimento sobre a própria noção de patrimônio. Aliar a pesquisa ao ensino, ou, lembrando Pedro Demo, educar para a pesquisa é um dos caminhos possíveis para (re)construir significados em relação ao patrimônio missioneiro em São Borja.

Ao propor uma oficina em educação patrimonial voltada à investigação histórica, é preciso construir, em conjunto com os alunos, um aprendizado de investigação em diversas fontes. Dada a diversidade de possíveis especialidades e abordagens no campo da História, é fundamental uma complementariedade de fontes para qualquer investigação. Isto dará aos educandos subsídios para sustentação de argumentos com base em fontes confiáveis, como artigos publicados em revistas científicas, livros de especialistas e mesmo arquivos municipais ou nacionais – que além de serem visitados podem, hoje, em muitos casos, ser acessados através do celular. A formação de grupos em sala de aula, mesmo passível de exaltada animação, pode trazer frutos em termos de aprendizado, troca de ideias e construir um senso de trabalho investigativo em equipe. Um exemplo disto pode ser a proposição de formação em grupos para que o professor apresente vários livros didáticos ou outros tipos de livros aos grupos em sala de aula. Estes, por sua vez, irão buscar informações sobre determinado

assunto em mais de uma fonte (livro), demonstrando, ao final, quais as conclusões que chegaram. Por exemplo: ideia dos autores, tipo de escrita, figuras utilizadas.

É possível, ainda, fazer um trabalho crítico, por exemplo, em relação às imagens nos livros didáticos ou em textos selecionados sobre a temática patrimonial missioneira. Os alunos podem fazer uma relação de imagens, identificando como foram utilizadas pelos autores – numa tradição, em grande parte, de uso das imagens apenas como ilustração ou algo secundário em textos de História. Isto pode proporcionar uma discussão, por exemplo, em relação às possibilidades de estudar um passado missioneiro são-borjense a partir das imagens. Ou ainda, questionar a falta de imagens quando nos deparamos com textos que tratam do patrimônio missioneiro em São Borja, dada sua marcante dimensão visual – evidenciada pelos braços receptivos da conhecida estátua de São Francisco de Borja, presente na Igreja Matriz. Pode-se, também, trabalhar com a imagem do Senhor Morto queimado, antes e após o fogo, e propor uma discussão sobre a questão da queima em sala de aula, construindo, junto com os alunos, uma valorização do patrimônio e a subversão da ideia deste enquanto sucata ou objeto a ser obliterado. A partir deste tipo de aprendizado, os alunos poderão aprender a construir um conjunto de fontes e, ainda, ter a possibilidade de interpretá-las – o que possibilita uma ideia de oficina específica para isso.

Numa oficina de interpretação de fontes históricas, é possível a tentativa de proporcionar aos alunos a visão de como se pode chegar a diversas interpretações, na História, das fontes consultadas pelos autores. Este tipo de ação consiste em formar grupos, totalmente isolados, em que os alunos tenham acesso ao mesmo livro didático,

ou mesma fonte, relacionada ao patrimônio missioneiro de São Borja, como aquelas presentes ao longo deste texto, por exemplo. Ao final da análise feita pelos grupos, os alunos terão de produzir um texto sobre a fonte escolhida. Logo em seguida, os resultados serão compartilhados na turma, possibilitando comparação, crítica, discussões e o aprendizado sobre os olhares possíveis a partir das mesmas fontes.

Entendemos como acertado afirmar que, sem as fontes, não se escreve a História. Por esse motivo, é preciso que os alunos, desde cedo, mesmo aqueles que não se entreverarão no metier histórico, conheçam a importância da fonte para o trabalho do historiador, bem como saibam da necessidade de conservar e preservar qualquer tipo de patrimônio para que este sirva, no futuro, a pesquisadores, interessados e à própria comunidade a qual pertence. Compreendendo a fonte como aquilo que nos coloca em contato com um determinado passado, é possível trabalharmos, inclusive, didaticamente, a proximidade do patrimônio com as discussões entre memória e identidade, em voga nas últimas décadas, desde Pollak (1989) até Hartog (1997) e Candau (2011).

Dentre os objetivos deste tipo de oficina, é possível pensar em proporcionar aos alunos o contato com fontes históricas, a fim de que reconheçam seu valor histórico e cultural. Para que aprendam, também, a analisar tais fontes de forma a construir conhecimento sobre um determinado patrimônio e passado – ligado, no caso são-borjense, a uma história que está em torno dos próprios alunos, na própria cidade onde vivem. Considerando uma escolha de fontes pelo professor que seja acessível, com uma linguagem de acordo com a turma, este tipo de ação educativa pode ser aplicado desde o 6º ano do ensino fundamental aos anos finais do ensino médio. Sempre importante que



os alunos desenvolvam a oficina em sala de aula com o acompanhamento do professor responsável. Por vezes, dependendo da fonte a ser analisada, a dificuldade pode ser maior pelo seu conteúdo ou mesmo pela sua forma pouco usual.

Entrando nas possibilidades procedimentais de uma oficina de interpretação de fontes históricas, inicialmente, o professor pode procurar e selecionar possíveis fontes locais. Essas podem ser: fotografias, objetos de cultura material missioneira, cartas, anotações, ou seja, aquilo que tenha sido produzido no passado e esteja relacionado ao patrimônio missioneiro em São Borja. As fontes deverão ser, preferencialmente, fotografadas e impressas, para que os alunos possam manuseá-las sem problemas. Outra ação possível é levar a turma para uma ida ao Museu Municipal Apparício Silva Rillo ou à estátua de São Francisco de Borja, antes da própria atividade em educação patrimonial em sala de aula. Pode ser organizada, ainda, uma visita, na escola, de pessoas que tenham, em seus arquivos particulares, peças missioneiras (como era o caso da família Ayala Chagas e seu altar jesuítico), falando sobre a importância destas e seus significados para elas, trabalhando a questão da memória e das práticas em relação à imaginária.

No trabalho em sala de aula, o professor deverá explicar aos alunos como tudo deve ser realizado numa oficina deste tipo, consistindo em: relatar os aspectos gerais da fonte (papel, letra, formato, material); seu conteúdo (tipo de texto, palavras utilizadas, pontuação; no caso de objetos, forma, representação); e, por fim, análise do texto ou dos possíveis usos e sentidos atribuídos ao objeto. A turma poderá ser dividida em grupos, ou cada aluno poderá realizar o trabalho individualmente. Feito isso, os educandos podem escrever um texto sobre a fonte que

analisaram, e devem encontrar nos livros didáticos que têm à disposição um texto que se relacione ao período em que a fonte foi produzida, tecendo algum comentário sobre a possível relação entre esta e seu respectivo período histórico de feitura.

Todo este processo pode aproximar os alunos do patrimônio missioneiro da cidade, possibilitará a construção conjunta de conhecimento, ativa, a partir da investigação e análise de fontes, contato com um patrimônio missioneiro, direta ou indiretamente, potencializando a ação educativa. Um árduo trabalho, mas que pode gerar resultados e, principalmente, ressignificações em relação ao patrimônio. De papéis velhos, as fontes tornam-se oportunidade de descoberta e conhecimento sobre o passado. De meras estátuas e objetos antigos, as miniaturas e estatuárias passam a ser compreendidos em seu valor histórico, simbólico, como constituintes deveras importantes da história de São Borja, e que podem fascinar os olhos e mentes jovens – bem como construir o sentimento de valorização e fomentar a importância de iniciativas de conservação do patrimônio histórico e cultural missioneiro são-borjense.

### **3.3 Da dialética do descaso e das memórias contidas: breve conclusão**

*El patrimonio se produce en una situación de tensión entre la razón y el sentimiento, entre la reflexión y la vivencia<sup>21</sup>.*

Obviamente, um trabalho de síntese não pode dar conta de todos os problemas. E não há a obsessão de persistir sobre argumentos

21 PRATS, Llorenç. Antropología y patrimonio. Barcelona: Editorial Ariel, S.A. 2004, p. 13.

que, noutras épocas, parecem não ter surtido muito efeito sobre o ato de resguardo daquelas peças ou o zelo para com as mesmas. É preciso, entretanto, estimular ações que não deixem cair em esquecimento a memória afetiva mantida pela comunidade no correr da trajetória histórica<sup>22</sup>. E, por mais desconfortáveis que sejam as comparações de condutas entre os agentes do passado e os agentes do presente, elas devem prevalecer, pois somente assim conseguiremos aproximar dois paradigmas rivais: a orientação e o desconhecimento.

Os testemunhos jamais indicarão outro caminho que não uma simples e desconfortável semelhança de descaso. Reportemos, mesmo que por um instante uma passagem especialmente curiosa, para não dizer despreziosa do então folclorista Aparício Silva Rillo. Nela,

22 Nas últimas décadas, nas proximidades de São Borja, o relevante número de esculturas de pequeno porte catalogadas, junto aos relatos de moradores, indicam a continuidade da manufatura de imagens e a remanescência dos cultos domésticos. Tais imagens alcançaram o século XXI como bens simbólicos, e a relevância dos acervos particulares não reside, apenas, na perpetuação dos cultos domésticos ou nas próprias estatuas em si, mas também na apropriação, identificação e práticas que as acompanham. AHLERT, Jacqueline. Estátuas andarilhas: as miniaturas na imaginária missionária: sentidos e remanescências. 2012. 369 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 325-326. Além disso, é importar lembrar que patrimônio, assim como se dá no campo na linguagem, é uma noção de caráter dinâmico, de modo que diferentes significados vão justapondo-se no embate entre políticas de lembrança e de esquecimentos. Mas, mesmo com um histórico recente múltiplo, patrimônio liga-se à ideia de bem, daquilo tido como importante para determinados grupos sociais. Se constitui no estabelecimento de sua importância a partir de mais de uma geração, entendido como uma espécie de herança, um “bem herdado”. Podemos falar em um bem coletivo, um legado ou uma herança artística e cultural por meio das quais um grupo social pode se reconhecer enquanto tal. Além de um bem intergeracional, ligado à memória, tem caráter profundamente identitário. Sua importância está, principalmente, no sentido e nos usos dados a ele. Seus elementos constituintes são construídos na coletividade, pois é preciso que tenha ressonância. Um patrimônio não depende, exclusivamente, da vontade ou de decisão políticas de uma agência de Estado nem de iniciativas advindas do mercado. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu próprio público. Por ressonância, nos referimos ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais. Trata-se do poder de evocar no expectador as forças culturais dinâmicas e complexas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante. ABREU, Regina. Patrimônio cultural: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane Felipe (Org.). Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 266-267. GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane Felipe (Org.). Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 241-246.

### CAPÍTULO 3

#### Do inventariar no tempo histórico: algumas distorções ao uso moderno

ele reporta um fato para lá de inusitado envolvendo o padre Hermenegildo Gambetti (1919). Este religioso de nome extravagante, ao que consta, “foi sequestrado por rapazes da sociedade local, colocado num barco e largado na outra margem do rio Uruguai, não tendo jamais voltado a São Borja”<sup>23</sup>. O motivo para “tamanho disparate” decorria ao fato de que o religioso foi surpreendido num momento em que tentava comercializar algumas peças, dentre as quais a de um “monumental Santo Inácio de Loyola”, completa Rillo.

Aqui, de novo, é preciso distinguir o que seria patrimônio, memória cidadina e posse de bens móveis. Enquanto parte do mesmo contexto histórico acabam por confluir a uma difícil contradição entre consciência e atos de violação ao patrimônio e responsabilidade para com os mesmos. Outro caso que chama muita atenção, em função da simbologia contida ao manejo da peça, ocorreu na década de 1960, durante os lamentáveis anos do regime cívico-militar que cercavam o país.

**Figura 10: imaginária sacra produzida por indígenas de São Borja (Séc. XVII-XVIII)**



Fonte: RODRIGUES, Fernando. Identidade imaginária jesuítico-missioneira da  
23 RILLO, Apparício Silva. São Borja, em perguntas e respostas. São Borja: Coleção Tricentenário, 1982, p. 15.

Redução de São Francisco de Borja: altares particulares, da idolatria ao fogo. Santa Maria, 2019. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019, p. 59

A imaginária em miniatura ao que consta já fez parte do acervo de São Borja. Todavia, atualmente compõe o acervo do Museu Histórico Nacional. Sem muitos esclarecimentos, o pouco que se faz compreender na ficha de catalogação da peça traz a informação que aquela foi uma doação do General Nelson Boiteaux para a instituição que a mantém atualmente. O conteúdo, também sem maiores esclarecimentos, traz que Boiteaux tornou-se fiador do patrimônio por intermédio de uma doação do cônego da paróquia de São Borja, o senhor Hugo [Hartmann], aos idos de 1964. Sem se descuidar daquilo que de fato interessa ser aproveitado nessa pesquisa – o uso referente ao patrimônio da arte sacra da localidade –, eis que a imagem acima utilizada muito se assemelha a uma outra peça em miniatura que se encontra, atualmente, na casa de Umbanda Tio Calandro<sup>24</sup>.

24 Esta imagem é outro exemplo que retrata a mobilidade do acervo barroco de São Borja, pois sequer os frequentadores da terreira/casa sabem indicar como ela foi parar lá. Neste local de conforto religioso se atesta outra imagem barroca, ambas já previamente reconhecidas quando amparadas pelo já referido inventário do Iphan de 1992. Ao tratar da mobilidade das peças, historicamente, por onde quer que transitassem, os missioneiros estavam acompanhados das imagens. A observação atenta – e rara, pois não era de interesses para grande parte dos militares ou viajantes aterem-se à descrição das “crendices” dos indígenas e, menos ainda, das estátuas “grosseiras” que estes carregavam – explica as centenas de miniaturas espalhadas pelos pontos fundantes de povoamento da região sul-americana. Tais imagens, introduzidas por intermédio de um projeto ideológico unificador, centralizado na cristandade ocidental, havia ganho lugar dentro da práxis, pois haviam sido constituídas de significados ancorados na ancestralidade desses grupos, ao longo da construção de uma “cultura religiosa missionária”. Esta, por sua vez, permeada de santitos de uso pessoal e familiar, nos quais se projetava o imaginário indígena-missionário. A decadência gradativa do período inaugurado pela Guerra Guaranítica, marcado pela gestões corruptas e roubos de terras e bens móveis missionários, teve continuidade após a invasão luso-brasileira de 1801. A desestruturação resultou em movimentos migratórios de grupos de missionários, sobretudo nos períodos de guerra, uma vez que muitas famílias acompanhavam os índios arregimentados pelos exércitos hispano-platino e luso-brasileiro, posteriormente no contexto da Guerra contra Artigas (1816-1820) e da Guerra da Cisplatina (1825-1828), motivados por Fructuoso Rivera. Via de regra consta na documentação a movimentação de milhares de indivíduos, fosse em território lusitano, fosse em espanhol. AHLERT, Jacqueline. Estátuas andarilhas: as miniaturas na imaginária missionária: sentidos e remanescências. 2012. 369 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 253-255.

### CAPÍTULO 3

#### Do inventariar no tempo histórico: algumas distorções ao uso moderno

**Figura 11: imaginária em miniatura de Nossa Senhora da Conceição, hoje localizada na casa de Umbanda Tio Calandro**



Fonte: RODRIGUES, Fernando. Identidade imaginária jesuítico-missioneira da Redução de São Francisco de Borja: altares particulares, da idolatria ao fogo. Santa Maria, 2019. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019, p. 91.

E para demonstrar que jamais saberemos ao certo a potencialidade que compõe o acervo barroco de São Borja, eis uma salutar ação que nos enche de esperança. Em 2013, a localidade foi surpreendida pelos meios de informação com o anúncio de que a família do ex-presidente deposto, João Belchior Marques Goulart, estaria repassando ao município uma peça de “procedência missioneira”. Uma vez mais, evidencia-se o interesse que aproximou a comunidade do seu legado missioneiro. E os jornais de época deixam entender a importância alocada, especificamente, para com a peça, pois foi um evento em que se oportunizou conhecer aquilo tido como desconhecido ou de conhecimento para poucos.

Como não poderia deixar de ser, a ilustração por sobre esse ato de “reparo histórico” também comporta as suas peculiaridades. A começar a sobredita peça se tornou posse do então presidente por conta de um “mimo”, assim atribuído a um também chefe de Estado, só que

da nação Uruguaia à época. O motivo do agraciamento, tal qual palavras dos contínuos herdeiros que a repassaram aos cuidados da Igreja Matriz, simbolizam que a estatuária foi raptada da localidade durante a invasão das tropas paraguaias de Solano Lopez, no mês de junho de 1865<sup>25</sup>.

Como é possível avaliar, situações de perda e recuperação se confundem com o histórico da localidade. Precisamos insistir nesse argumento, porque é deveras importante. No entanto, isso não impede, naturalmente, que sejam apontados os fatores e as condições em que se deram tais determinações. Parece, então, chegado tempo de, numa crítica sincera, revisar a temática do acervo patrimonial, nos seus fundamentos ideológicos, na sua conjuntura histórica de transformações, aproveitando e contra aproveitando os argumentos positivos e negativos nela contidas<sup>26</sup>. É necessário traduzir o significado que contém a expressão patrimônio, na atualidade.

Mas, sem entrar em detalhes infinitos, não é preciso muito esforço para entender que, nos últimos 100 anos, a localidade acompanhou um desmanche considerável para com o seu patrimônio sacro-missionário. E, por mais que tentemos ser otimistas com relação ao conteúdo, não há nada que nos permita atestar outra coisa que não o descaso.

Dito de outra forma, mesmo depois de finalizada essa breve abor-

---

25 Se levarmos em consideração este fato, as passagens expostas por Cônego Gay na sua obra *Invasão Paraguai* podem ter relação com os episódios decorrentes do dia 13 de Junho de 1864, quando os paraguaios resolveram entrar no templo local e “saquear” o que potencialmente continha algum valor. Vide: GAY, João Pedro. *Invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980.

26 MAURER, Rodrigo F.; COLVERO, Ronaldo. Legados jesuíticos em São Borja: um patrimônio que sofre na terra dos presidentes. In: 1er. Congreso Iberoamericano y VIII Jornada “Técnicas de Restauración y Conservación del Patrimonio”. La Plata, 2009. \_\_\_\_\_. São Borja e seu patrimônio “quase” esquecido: o caso das missões jesuíticas na terra dos presidentes. IV Congreso Internacional de História. Maringá, 2009.

dagem, ainda resta uma dúvida que não quer calar: quantas peças mais haveriam de existir nas salas, entre elas e corredores privados das famílias tradicionais, suplantando-as como que fingindo desconhecer o conhecimento que as aplaina ao histórico da mobilidade aqui empregada? Uma vez estabelecido esse princípio, não há exagero algum em dizer que esse livro de bolso atingiu a expectativa proposta desde o seu começo. Ou seja, não tornar o problema da mobilidade um fim insolucionável, mas deixa subentendido que “por isso mesmo, o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista”<sup>27</sup>. Do-ravante, do cotejar estético se vislumbram corredores de um labirinto de infinitas possibilidades. E as últimas informações indicam que os assuntos por ora debatidos não se fazem conter nessas breves linhas. Isto deixa a esperança de que, muito em breve, haverá um ou outro momento para revisá-los.

Poderíamos acumular consideráveis hipóteses, inclusive admitir a possibilidade que os assuntos por ora contextualizados não passam de meras ilustrações sobre objetos fictícios. Em todo caso, resta a nós, leitores e leitoras, especialistas ou não, nos sensibilizarmos a uma dialética do descaso que desconsiderou por longos séculos o desafio irremediável de avaliar tais agravos a uma condição de exceção. De toda sorte, a opinião referente à mobilidade sacra missioneira compete a uma jocosa manifestação de sentidos. Ora tentando dizer muito – haja vista a complexidade mantida à temática –, ora não dizendo nada – uma vez que compõe a falsa ilusão de se estar catalogando algo que supostamente deixou de conter importância num determinado período da régua histórica.

---

27 CANCLINI, Néstor G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 160.



# ACERVOS E ARQUIVOS CONSULTADOS

A.F.F.G.P. Acervo fotográfico família Gottfried Prendel. São Borja  
A.F.P.C.B. Acervo fotográfico pessoal Clóvis Benevenuto. São Borja  
A.G.N.A. Archivo General de la Nación Argentina. Buenos Aires  
A.H.R.G.S. Archivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre  
A.H.M.S.B. Archivo Histórico Municipal de São Borja. São Borja  
A.C.H.J.C. Archivo da Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre  
I.H.G.B. Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro  
M.H.N. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro  
M.A.S.R. Museu Apparício Silva Rillo. São Borja

# REFERÊNCIAS

AHLERT, Jacqueline. Ruínas na terra do porvir. In: Missões em mosaico. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo (Orgs.). Porto Alegre: Faith, 2011, p. 183-194.

ALTOE, Valeriano. O altar e o trono: um mapeamento das idéias políticas e dos conflitos entre Igreja/Estado no Brasil (1840-1889). Niterói, Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 1993.

AQUINO, Brasil Fontoura. Colcha de retalhos: memórias de um são-borjense. S/E, 1988.

ÁVILA, Affonso. O lúdico e as projeções do mundo barroco. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BAGUET, Alexandre. Viagem ao Rio Grande do Sul. Editora Paraula, 1997.

BAPTISTA, Jean. O temporal. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009.

BARRETO, Mario. Campanha Lopezguaya. v. 3. Papelaria Brazil: Rio de Janeiro, 1929.

BARRETO, Abeillard. Bibliografia Sul-Riograndense. A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul. v. I A-J. Conselho Federal de Cultura. Rio de Janeiro, 1973.

BOFF, Claudete. A imaginária Guarani: o acervo do museu das missões. Santo ngelo: EDIURI, 2005.

BRABO, D. Francisco Javier. Inventários de los mueves hallados a la expulsión de los Jesuítas de sus temporalidades por decreto de Carlos III en los pueblos de Misiones, fundados en las márgenes del Uruguay y Paraná, en el Gran Chaco, en el Pais de Chiquitos y en el del Mojos. Cuyos territorios pertenecieron luego al Virreinato de Buenos Aires – con introducción y notas. Madrid, 1872.

BROWN, Peter. A ascensão do cristianismo no Ocidente. Lisboa: Editorial

Presença, 1999.

BURKE, Peter. Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico. Barcelona: Crítica, 2005.

CANCLINI, Néstor G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CANDAU, J. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELNAU L'ESTOILE, Charlotte. Les ouvriers d'une vigne sterile: lês jesuites et la conversion dês indiens au Brésil. Lisboa/Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo. São Borja e seu patrimônio quase “esquecido”: o caso das missões jesuíticas na terra dos presidentes. In: Anais. IV Congresso Internacional de História. Maringá, 2009.

COLVERO, Ronaldo; MAURER, Rodrigo. (Orgs.). Missões em Mosaico. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. Porto Alegre: Faith, 2011.

COSTA, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 5, p. 105-169, 1941.

CURBELO, Carmen; BERGATTA, Luis. Imágenes multiculturales. Origen, significado y uso de imagería jesuítico misionera a partir de un enfoque interpretativo. Estudios Historicos – CDHRPyB. Año IV, n. 9, Diciembre 2012.

DA SILVEIRA, Hemetério Veloso. As missões orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre. Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

DE CASTRO, Evaristo Affonso. Notícia descritiva da região missioneira. Cruz Alta, Typografia do Commercial, 1887.

D'EU, Luís Filipe – Conde. Viagem militar ao Rio Grande do Sul. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

DÍAZ-PLAJA, Guillermo. El espíritu del Barroco. Barcelona. Apolo, 1983.

DOBLAS, Gonzalo. Memoria sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaraníes. Colección Pedro de Angelis. Buenos Aires: Plus Ultra, 1970.

DO NASCIMENTO, Anna O.; OLIVEIRA, Maria I. (Orgs.). Bens e riquezas das missões. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

DREYS, Nicolau. Notícia descritiva da província do Rio Grande de S. Pedro do Sul. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

FREEDBERG, David. El poder de las imágenes. Madrid: Cátedra, 1989.

FURLONG, Guillermo. Los jesuítas y la cultura rioplatense. Montevideo: Urta y Curbelo, 1933.

GAY, João Pedro. História da República Jesuítica do Paraguai (desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861). 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

GRUZINSKI, Serge. El pensamiento mestizo. Cultura ameríndia y civilización del Renacimiento. Barcelona: Ed. Paidós, 2007.

HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. O Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1952.

HARTOG, François. Regimes d'historicité : présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 1997.

ISABELLE, Arsene. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Revista Estudos Históricos. Brasil. 5. Jul. 1992. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/015/index.php/reh/article/view/1945/1084>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

KREBS, Carlos Galvão. Arquitetura e estatuária das Missões. Separata da revista do Instituto e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráficas da Imprensa Oficial, RS, III Trimestre de 1945.

KREBS, Carlos Galvão. Parecer sobre as imagens [São Borja]. 14 de setembro de 1973.

LALLEMANT, Robert. Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1980.

MARAVALL, José Antonio. La cultura del Barroco. Barcelona: Ariel, 1975.

MEYER, Augusto. Relíquias dos Sete Povos. In: Prosa dos pagos. Rio de Janeiro: São José, 1960.

NUNES, Benedito. O universo filosófico e ideológico do barroco. In: Barroco 12, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 1982/3.

OLIVEIRA DE OLIVEIRA, Marilda. Identidade e interculturalidade histórica e arte guarai. Santa Maria: Ed. UFSM, 2004.

PATRIMÔNIO JESUÍTICO. Primer Encuentro del Mercosur. Suma Copy, Buenos Aires, 1999.

PINTO; Muriel; MAURER, Rodrigo. Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil Argentina. Eure, v. 40, n. 120, mayo 2014.

PLÁ, Josefina. El barroco hispano guarani. Asunsion: Editorial del Centenario S.R.L., 1975.

POLLAK. Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRATS, Llorenç. Antropología y patrimonio. Barcelona: Editorial Ariel, S.A. 2004.

# DAS IMAGENS, DAS MEMÓRIAS, DOS DOCUMENTOS...

“Com muita honra podia ela figurar nos museus mais exigentes do mundo”<sup>1</sup>.  
Avaliação de Wolfgang Hoffmann Harnisch sobre a imagem de Francisco de Borja e Gandia – padroeiro da localidade

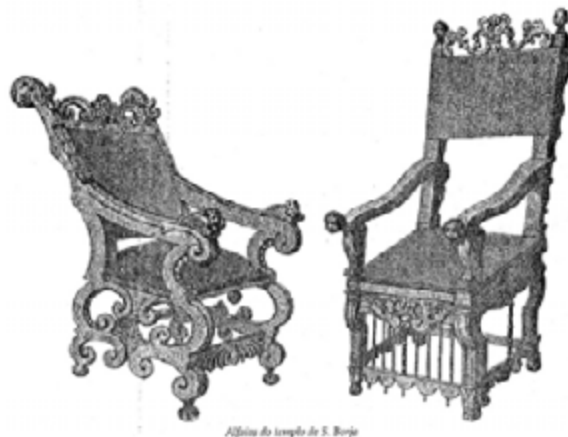


Fonte: AHLERT, Jacqueline. Estátuas andarilhas: as miniaturas na imaginária missioneira: sentidos e remanescências. 2012. 369 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 92. RODRIGUES, Fernando. Identidade imaginária jesuítico-missioneira da Redução de São Francisco de Borja: altares particulares, da idolatria ao fogo. Santa Maria, 2019. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019, p. 80.

---

<sup>1</sup> HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. O Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1952, p. 257.

Litografias de duas cadeiras que pertenceram à redução de San Francisco de Borja, podendo ser o tipo de cadeira forrada citada pelo Inventário de Zavala



Fonte: Mapoteca do Itamarati

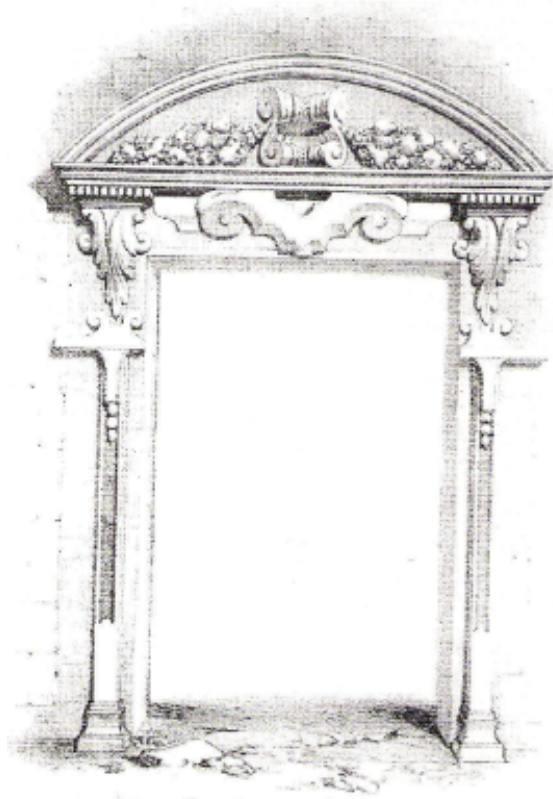
É muito pobre a nova igreja de São Borja se bem que o padre Gay tenha tido o cuidado de nela reunir todos os objetos de arte jesuítica que tenha podido ajuntar, na vila e pelas aldeias vizinhas. Vêem-se ali muitas imagens de santos de madeira pintada, alguns do tamanho natural; missais impressos em Madrid há cerca de 150 anos; e, o que mais valor tem, belas pias batismais inteiriças<sup>2</sup>



Fonte: RODRIGUES, Fernando. Identidade imaginária jesuítico-missioneira da Redução de São Francisco de Borja: altares particulares, da idolatria ao fogo. Santa Maria, 2019. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019, p. 82.

<sup>2</sup> D'EU, Luís Filipe – Conde. Viagem militar ao Rio Grande do Sul. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981, p. 115.

A la vista de todo el mundo, en la fachada de las iglesias, rodeando los pórticos, motivos esculpidos recuperados del pasado prehispánico cohabitaban con la iconografía cristiana y los adornos de inspiración europea<sup>3</sup>



Detalle arquitetónico da porta lateral da igreja de São Borja.  
Mapoteca do Itamarati.

Fonte: Mapoteca do Itamarati

---

3 GRUZINSKI, Serge. El pensamiento mestizo. Cultura ameríndia y civilización del Renacimiento. Barcelona: Ed. Paidós, 2007, p. 358.



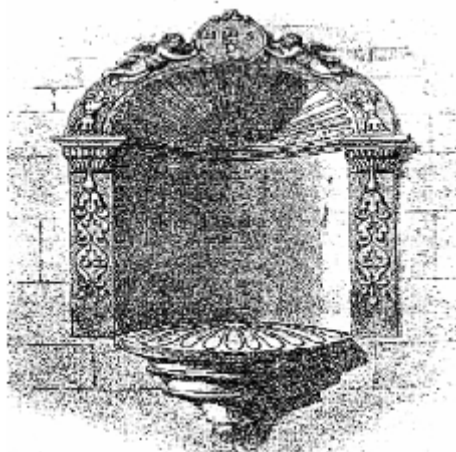
O comandante alojou-nos no antigo colégio dos jesuítas, vasta construção inteiramente avarandada, mas ameaçando virar ruína. [...] No caminho, visitamos as ruínas da igreja dos jesuítas; este edifício deve ter sido notável, tendo em vista a época em que foi construído e levando-se em conta os poucos recursos de que se dispunha então. Dele não restam senão as quatro paredes, entre as quais jaz, esparso, um acervo de capitéis, frontões, ornamentos, estátuas e colunas quebradas. Alguns barrotes ficaram de pé e a madeira é tão dura que ainda resiste ao machado. A igreja foi construída com grandes paredes vermelha, mas até hoje ignora-se de onde foram extraídas<sup>4</sup>



Fonte: Mapoteca do Itamarati

---

4 BAGUET, Alexandre. Viagem ao Rio Grande do Sul [1845]. Florianópolis: Editora Paraula, Edunisc 1997, p. 76-77.



*Nicho do templo de S. Borja*



Fonte: Mapoteca do Itamarati

Fonte: Mapoteca do Itamarati

Afresco que por anos ficou mantido ao lado da porta principal da igreja matriz de São Borja



Fonte: Crédito da imagem dos autores.

Na Capella mór existe, n'um pequeno altar do tempo dos jesuítas, a imagem do padroeiro, o preconizado duque de Gandia e primeiro bispo nomeado para o Brazil<sup>5</sup>



Fonte: acervo pessoal de Clovis Benevenuto

---

5 DA SILVEIRA, Hemetério V. As missões orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre: Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909, p. 313.

A um lado da Igreja existia ainda um campanario de madeira, bem tosco e pendentes tres sinos: um muito grande em esta descrição: Sancté Stanislaus Kostcka \_ Ora pronobis e logo abaixo \_ In oppido Sancti Caroli. A.D. (anno Domini) – 1723. Um outro sino tem escripto: - Gratias agimus tibi Domine, outro sino com a inscripção Ave Maria Gratia Plena Dominus tecum, e nada mais<sup>6</sup>



Fonte: Crédito da imagem dos autores. Acervo do Museu Apparício Silva Rillo (M.A.S.R.) São Borja

## **DAS MEMÓRIAS CORRELATAS AOS RETÁBULOS E OUTRAS ESTATUÁRIAS**

### **NO TEMPO HISTÓRICO**

**1821**

O interior da igreja está pavimentado de ladrilhos muito irregulares; a abóbada é alta, mas de madeira, porque a falta de cal não permite construí-la de pedras. Contei cento e dezesseis passos da porta principal ao altar-mor, e quarenta e três de uma parede a outra. Não há coro, e os altares apenas três, um que integra a nave principal e os outros, as laterais.

As imagens de santos que aldornam o altar-mor são muito mal esculpidas, mas o altar é guarnecido de ornamentos extremamente dourado, que se elevam até a abóbada. Sob uma das arcadas mais próximas do altar-mor, uma tribuna isolada e de forma oval, destinada aos músicos. De cada

<sup>6</sup> DA SILVEIRA, Hemetério V. As missões orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre: Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909, p. 315.

lado da igreja, uma sacristia, estando a da esquerda repleta de restos de uma porção de estátuas de santos, de todos os tamanhos, pintados e em madeira. Vi uma, cujos braços eram móveis; parece-me representar Pilatos ou Judas e estava, provavelmente, destinada a figurar em um desses autos piedosos, com que os jesuítas divertiam os índios. Auguste de Saint-Hilaire (1821)<sup>7</sup>.

## 1834

Hesitamos algum tempo antes de visitar a igreja porque parecia que a cumeeira ia desabar de um momento para outro. Cada vez que venta, destacam-se do teto enormes vigas que rolam com estrondo, abalando o resto do antigo edifício, cuja forma é a de um grande quadrado sem naves laterais nem campanário, somente, à entrada do coro acima da tribuna, eleva-se a cúpula de madeira de que falei; decorada com pinturas bastante lindas. Duas filas de colunas de madeira dura, de ordem toscana ou rústica, sustentavam a armação no meio e formavam uma nave. Os ornamentos foram levados; não restam mais do que dois altares dos lados, mas encontramos grande parte de ornamentos amontoados confusamente em duas peças laterais, que serviram outrora de sacristia. Os dourados são ainda muito frescos; não tinham sido cuidados pelos jesuítas do que as pinturas e as imagens. Essa mistura de capitéis, frontões, colunas torcidas, estriadas ou lisas, esses quadros, esses ornamentos carregados de dourados finos, de pinturas notáveis, de esculturas delicadas; esses santos de todos os tamanhos, de todas as ordens monásticas, destinadas a desempenharem um papel imponente, no meio de um povo de neófitos facilmente crédulos, tudo isso produzia em nós o efeito de uma casa de teatro e nada mais. Arsene Isabelle (1834)<sup>8</sup>.

## 1856

Ilmo e Exmo Snr

Em resposta ao officio que Ilmo e V.Sa me dirigio à 30 de Agosto ultimo pedindo-me como Provedor da Episcopal Irmandade de N. S. Dos Passos da Villa de S. Leopoldo, algumas imagens de Santos de que carece a Episcopal Irmandade para sua Capella, cujas imagens em sua visita nos povos de Missões V.S. vio existirem n'uns quartos dos antigos povos sem

---

7 SAINT- HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 271-272.

8 ISABELLE, Arsene. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 19-20.

o decente culto pela Igreja exigida especialmente no deposito d'Imagens em S. Luiz; tenho a honra de participar à V.S. que desejando prestar-lhe este pequeno serviço e sobretudo praticar um acto de religião; salvando da destruição estas imagens, como salvei varias em S. Borja que mandei de novo encarnar e procurar que se lhes desse o devido culto, dirigi-me por antecipação à S. Luiz, para que estas imagens estivessem promptas à seguir de S. Borja para Porto Alegre, quando ao chegasse a authorisação que V.S. ficou de me enviar e comissionando ao cidadão Eloy J. Jacintho de as trazer, porém acaba de me dar parte o mesmo cidadão que o Inspector de quarteirão de S. Luiz se oppuz à que trouxessem as ditas Imagens, embarcando-as e fechando o deposito aonde se achão com novas fechaduras.

Exprimindo-lhe o meu pezar, é tudo quanto por ora posso dizer à V.Sa , por que aomda não refleti nos meios que há de tomar à bem do culto destas Imagens, à pezar da opposição do bom do Inspector que quer por a mão no thuribulo. Creio que me enviando V.S. a authorisação que ficou de mandar não terei difficuldade em tirar e lhe enviar as Imagens.

Deus Guarde à V. Sa Villa de S. Borja, 1º de Outubro de 1856.

Ilmo Snr Dr José Antonio do Valle Calore e Fião

Digmo Provedor da Episcopal Irmandade de

N. S. Dos Passos em S. Leopoldo.

O Vigario: João Pedro Gay<sup>9</sup>

## 1858

A Matriz de S. Borja tinha tres naus seu cumprimento era pouco mais ou menos de 200 palmos e sua largura de 100. A Capella mor tinha 50 palmos em quadro com seus competentes consultorios dos lados. Possuia dita Matriz brilhantes alfaias de panno dourado e prateado; numerosos altares bem lavrados e dourados; muitos [sic] de ouro e de prata; batisterios e numerosas imagens em perfeito estado; Grande porção de sinos estavam suspendidos a sua modesta torre. Dita Matriz com suas riquezas nada tinha custado a Nação Brasileira que não soube as conservar. Pelo descuido dos Administradores e Governadores de Missões e por causa das continuas guerras de que Missões foi principal theatro durante varios annos os templos dos Sete Povos de Missões forão se arruinando e cahindo. De balde os moradores de S. Borja em 1827 por meio de uma Subscrição tratarão de reparar a sua Igreja elles não puderão obstar a sua proxima e inminente ruína. Cahirão os Templos Jesuíticos de Missões e suas riquezas, suas alfaias, suas pratas, seus retablos, seus sinos forão sucessivamente ou

9 AR 12 Maço 24 Clero Católico – Paróquias. A.H. R.G.S.

roubados ou levados para outras Capellas da Provincia; Alegrete, Cruz Alta, Rio Pardo, Caçapava possuem alfaias de Missões. Assegurão-me que a antiga Custodia de S. Borja esta em Porto Alegre e seu Sino Grande no Salto Oriental. Uma porção destas pratas foi encaixotada em S. Borja e remetida para Porto Alegre aonde chegou em 1828, tendo o peso de 65 arrobas e de Porto Alegre diz o autor do Memoria historia do extincto Regto d' Infantaria de Linha da Provincia de Sa Catarina pag. 35, consta que fora esta porção de pratas para o Rio de Janeiro, onde tivera o destino que costuma ter em toda a parte do mundo habitado, tudo quanto não coitou a ganhar.

Existião ainda 15 arrobas de prata no Antigo Povo de S. Miguel no tempo da Revolução desta Provincia, mas o Governo Republicano as mandou levar a Itaqui e d'Itaqui a Caçapava aonde chegarão só 36 1/2 libras, como conta do Jornal : O Povo publicado em Caçapava em 11 de Abril de 1840. Existião tambem ainda em S. Borja os quartos da praça aonde residião os Indios no tempo dos Jesuitas. Depois de terem sido vendidos pelo Governo Republicano e tomados a seus compradores pelo Governo Geral digo Legal, que d'elles levou os alugueis enquanto ditos quartos podião se ter em pé, o mmo Governo os mandou arrematar nos annos 1850 e seguintes e d'elles ainda tirou perto de dez contos de reis<sup>10</sup>.

## 1861

Durante a Revolução Farroupilha, as tropas republicanas ocupam a igreja de São Borja onde acampam: “Em vinte quatro dias de estada na vila de São Borja, o referido coronel fez por o machado aos seis retábulos que possuía o templo jesuítico de São Borja, de que nem vestígio ficou, nem tão pouco das imagens que foram sacrilegicamente cortadas, mutiladas e queimadas para cozinhar para o batalhão”. Cônego João Pedro Gay (1861)<sup>11</sup>.

Año de 1784 – Ymbentario General Razon y Noticias de el Pueblo de la Real Corona Nombrado San Franco. de Borxa formado por orden el Sor. Governador Yntendte. Super Yntend.te pen.l de RI Hac.da de este virreynato q.e Cotiene 25 foxas utiles sin inducion de el Estado Docum.to Numº 26<sup>12</sup>.

10 Fragmentos de um officio de Gay a Silvano José Monteiro d'Araujo e Paula. Villa de S. Borja, 11 de Janeiro de 1858. AR 12 Maço 24 Clero Católico – Paróquias. A.H. R.G.S.

11 GAY, João Pedro. História da República Jesuítica do Paraguai (desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861). 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 519.

12 A.G.N.A. Sala IX: 22.8.2. División Colonia-Sección Gobierno Temporalidades de Bs. As. Paraguay 1780-1809.

O documento comporta a seguinte informação:

**Estatuas de el Señor y otros Santos**

Primeramente San Francisco de Borja

San Ignacio de Loyola

San Luis Gonsaga

San Xavier

San Estanislao

Santos Martires tres

Ocho Crucifixos

Un Santo Christo en el Sepulcro

Uno Idem Resusitado

Cuatro Virgenes ô Imagenes de Nra. Señora de Madera

Santa Rosa

Santa Barbara

San Jose

San Antonio de Padua

San Isidro

San Miguel

San Juan

Cuatro Angeles de Maderas

Alajas de Plata

Primeramente: una custodia de Plata sobre Dorada con esmalte

Siete Calices cinco sobre Doradas dos de estos esmalta , dos, y dos de plata

Siete Patenas cinco sobre Doradas y dos de plata.

Tres Cuchaxiras de plata.

Copones de plata tres.

Cafetas de plata en que se lleva el veativo dos una sobre Doradas

Cinco pares de Minaferas de plata.

Con três Salvillas y das platillas

Un Incensario de Plata com tapa de Idem

Un Salero de Idem con su tapa, y salbilla de Idem

Una Lampada de idem pequeña

Tres crismeras de plata, y dos por tapases

Una Corona sobre Dorada

**[...] A lajas echas en tipo de el Actual Adm.or D.n Josset Victorino de Medina Para el culto de esta Iglesia**



Primeramente Dos Retablos Colaterales de el Christo y Nra Señora de el Rosario

Una Imagen grande de Jesus Nazareno com tunica de terciopelo morada forrada en Ruan guarnecida de galon de oro falso con su singulo de galon de Idem, y Cruz pintada de verde y sus ondas correspondientes;

Una Imagen de Dolores grande com su vestido de terciopelo morado guarnecida de galon de oro falso, compuesto de manto Tuben y pollera com treinta y cinco alamanes finos en el manto forrado, todo em Ruan: Diadema de plata Camisa toca y paño todo de gasa fina, y sus Naguas de Ruan y un medio singulo de oro fino con corazon y Puñal pintado, y plateado.

Otra Imagen de Nuestra Señora de Dolores con su vestido entero de terciopelo Negro guarnecido con galon de plata Mocguetero com su Cumisa toca, y paño, y enaguas y su corazon y puñal plateados, y pintados.

Una Imagen del Rozario Colocada en su Retablo con dos vestides de [sic] uno Manto com Manto Tuben Pollera ena qual de Bretaña guarnecidos de galon de punta fino su forro de Bretaña las pollera y el manto com tafetan azul con Rosario de Pied. venturinas, y en la garganta su Collar de perlas falsas una Cruz chica de Piedras de Francia. su Niño con três rayos de punta, y el otro vestido verde guarnecida de galon de plata fino y entero como el Blanco forrado en Bretaña y tafetan amarillo y un Delusitan, y outra tina q.e Le coge p. el Pescuesa todo de oro fino

Diez y ocho laminas de cristales inclusas tres retas

Doze laminas finas grandes con marcos negros y dorados.

Veinte y cuatro cormipias con sus espejos sin adición â excepcion de dos quebradas con su talla todas Doradas, son dose de dos luses y las ótras dose de uma.

Un velo de vetillo en el Altar de Crhisto guarnecido con galon de seda, y condenes de idm;

Una cortina o sobre mesa de Damasco Colorado con uma y tres cuartas varas y es de dos y médio paños.

Um velo en el Altar de San Jose de Tunquillo Chines com su galon de seda al remate

Un Misal grande forrado en terciopelo Carmesi con sus Broches y chapas de plata con su tapa pollo de Madana Colorada

Una Sacra Dorada

Un atril idem

Dos Lababes idem

Dose Campanillas de plata

Tres Idem de metal Blanco

Dose Ramos en una caja con sul lave.

La virgem del Rosario tiene un par de Sursilles de Pied.s falsas.

Catorce sillas de Pié de Cabra Doradas con asientos de paja tejida con sus tapapollos de lienso grueso cada una.

Tres Mandas de Melillo colorado con guarnicion de fleio de oro fino.

Um Paño de Cadiz de ló mismo con su guarnición de punta de galon de oro fino

Dos mantas de tafetan una azul y otra Blanca ambas con felco de liston de Granada

Tres Arañas en las tres Nabes todas de Cristal una de color y dos Blancas las dos grandes de a dos e luzes cada una y la una chica con cinco y la del médio a colores tiene muchas figuritas de cristal por adorno cuias no son pertencientes ã outra araña con su tapapollo de redillo de plata Blanca.

[...] Dos Banderas de tafetan nacan con varias sintas y em Ella puesto viva San Borja

En la puerta de la Iglesia se hallan Cuatro partes de Ella ô Pilares Nuebos, y redificado el Portico a la mitad.

[...] Un Estandarte correspondiente a los Niños dela Escuela en que estan Pintadas Nuestra Señora de el Rosario S.n Borja, San Fran.co S.to Domingo y San José.

[...] Este método, parece consenso em estos establecimientos desde su primer origen corriendo los bienes de su comunidad a cargo de los regulares expulsos; y desde su expulsión al de los Adm.res Particulares de cada Pueblos que juntos como los corregidores y cavildos y con las direcion de los que haunte reses dando anualm.te estados o [sic] de cuentas a el Superior Gov.no y en las remosiones de Administrados sean formado cuentas finales.



Imagem: arquivo Clóvis Benevenuto



Relações de Fronteira